

Leia na seção Porta-Retratos
o ensaio sobre o poeta
Manoel de Barros

**"A GRANDEZA AZUL
DAS DESSIGNIFICÂNCIAS
DO CHÃO",**

por Raquel Medina

©ROBERTO HIGA

Artista sul-mato-grossense homenageado:
GERALDO ESPÍNDOLA, compositor,
músico e cantor - por Janet Zimmermann

Thaís Martins relata em **"O CASARÃO"** a
história do seu bisavô, Bernardo Franco
Baís, primeiro intendente eleito de Campo
Grande/MS. Leia na seção Proseios.

Leia na seção Kuaapirê/Resenhas, por Elias
Borges: **"MATO GROSSO DO SUL NA FLIP
- O LIVRO DE FÁBIO DO VALE"** - *"A voz e a
resistência feminina na obra Senhorinha
Barbosa Lopes de Samuel Medeiros"*

EXPEDIENTE

Editora Geral

Sylvia Cesco

Editoras Assistentes

Janet Zimmermann

Raquel Medina

Revisão Geral

Raquel Medina

Copidesque

Janet Zimmermann

Conselho Editorial

Janet Zimmermann | jizabeltx@yahoo.com

Raquel Medina | ramddreams@hotmail.com

Sylvia Cesco | sylviacesco@hotmail.com

Agradecimentos

Para Diana Pilatti e Reginaldo Costa de Albuquerque – associados da UBE/MS – pela colaboração para com a Seção Kuaapirê desta edição;

Ao Secretário Municipal de Cultura e Turismo, Max Freitas, pelo efetivo apoio a este periódico.



SECTUR

Secretaria Municipal de Cultura de Turismo

ASSOCIADOS COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

André Alvez, Angela Cristina Colognesi dos Reis, Camila Cabral, Carmem Lúcia Dias de Andrade, Diana Pilatti, Douglas Calvis Crellis, Elias Borges, Eva Vilma, Fábio Gondin, Gláucia Silva Leite, Inivaldo Gisoato, Ismael Machado, James Jorge Barbosa Flores, Janet Zimmermann, Landes Pereira, Lucilene Machado Garcia Arf, Lucimara de Oliveira Calvis, Marcos Estevão dos Santos Moura, Paulo Eduardo Cabral, Raquel Medina, Rosemari Gindri, Samuel Medeiros, Sylvia Cesco, Thaís Martins, Walesca de Araújo Cassundé.

PROJETO EDITORIAL E CAPA

GrafiqX Bureau de Impressão e Sinalização

grafiqx@grafiqx.com.br

FOTOGRAFIAS DE MANOEL DE BARROS (capa, contracapa e miolo)

Roberto Higa

ENDEREÇOS (físico e eletrônicos)

Av. Fernando Corrêa da Costa, 559, Centro, Campo Grande/MS, CEP: 79.002820

E-mails: revistaliterariapiuna@gmail.com / ubems@ubems.org.br

CRIAÇÃO E REALIZAÇÃO



União Brasileira de Escritores

Mato Grosso do Sul

www.ubems.org.br

SUMÁRIO

- 5 **EDITORIAL**, por *Sylvia Cesco*
- 7 **ARTISTA HOMENAGEADO**
ENTREVISTAS
Geraldo Espíndola, por Janet Zimmermann
- 13 **PORTA-RETRATOS** (*ensaios, artigos, história, reportagens*)
"A Grandeza Azul das Dessignificâncias do Chão", por Raquel Medina
- 19 **ORA (DIREIS) OUVIR ESTRELAS** (*poesias*)
- | | |
|---|--|
| <p><i>Angela Cristina Colognesi dos Reis</i> <i>Camila Cabral</i> <i>Carmem Lúcia Dias de Andrade Santos</i> <i>Eva Vilma</i> <i>Fábio Gondin</i> <i>Ismael Machado</i></p> | <p><i>Marcos Estevão dos Santos Moura</i> <i>Walesca de Araújo Cassundé</i> Aldravias: <i>Sylvia Cesco</i> Quintas: <i>Lucimara de Oliveira Calvis</i> Tercetos: <i>Diana Pilatti</i></p> |
|---|--|
- 36 **PROSEIOS** (*contos e crônicas*)
- | | |
|---|---|
| <p><i>André Alvez</i> <i>Douglas Calvis Crelis</i> <i>Glaucia Silva Leite</i> <i>Inivaldo Gisoato</i> <i>James Jorge Barbosa Flores</i></p> | <p><i>Paulo Eduardo Cabral</i> <i>Rosemari Gindri</i> <i>Samuel Medeiros</i> <i>Thaís Martins</i></p> |
|---|---|
- 57 **LUMINARES FILOSÓFICOS** (*reflexões sobre a existência humana*)
"A Metafísica na Filosofia da Natureza" - Landes Pereira
- 61 **KUAAPIRÊ** (*notícias, lançamentos de livros, resenhas, concursos literários, chamadas para revistas, eventos literários*)
Resenhas:
"Mato Grosso do Sul na FLIP - O Livro de Fábio do Vale", por Elias Borges
"O Olho Esquerdo", por Lucilene Machado Garcia Arf
- 74 **PIUNINHA** (*Literatura Infantil*)
Rogério Fernandes Lemes, por Sylvia Cesco
- 77 **LAMBE-LAMBE** (*retratos dos associados e dos eventos promovidos pela UBE/MS*)
Carmem Lúcia Dias de Andrade Santos, Elias Borges, Eva Vilma, Ledir Marques Pedrosa, Maria Gorete de Moura
- 80 **NORMAS PARA PUBLICAÇÃO**

EDITORIAL



Trimestral, nossa Revista Piúna nasceu em setembro de 2020, ainda meio encabalada, mas esperançosa de ser bem recebida entre os associados da UBE/MS - União Brasileira de Escritores de Mato Grosso do Sul, constituída por um grupo de cerca de cinquenta escritores, poetas, contistas, cronistas e pensadores. Por sorte, era mês de brotação e de floração, não apenas da natureza, mas de ideias, de projetos e de sonhos humanos que, quando generosamente regados e adubados, são colhidos e compartilhados. Mas quem poderia se prestar, de modo voluntário e dedicado, à criação de um daqueles espaços propostos pelo escritor, crítico literário e semiólogo francês, Roland Barthes, onde “*se produz literatura como uma chama para fazer literatura*”? Nosso então vice-presidente, Rogério Fernandes Lemes, colocou-se à disposição para assumir tal tarefa, iniciando contatos e recolhendo as produções literárias dos nossos associados. Ainda sem um projeto gráfico definido, mas com a certeza de que ela surgia como *uma abertura para o futuro e um desejo de memória e permanência*, eis nossa Revista Piúna N.º 1, alegrando os olhos com seu colorido e acalentando os corações dos ubeanos. Depois floresceram a N.º 2 (dez/2020), a N.º 3 (mar/2021) e esta edição atual, N.º 4 (jun/2021), todas já com a lógica de um projeto gráfico com especificidades e normas, conscientes de que à sua frente se estendia um universo de várias possibilidades e dimensões. Assegurando a difusão e a legitimação das criações literárias dos associados da UBE/MS, a Revista Piúna, desde o

início, buscou homenagear também artistas sul-mato-grossenses ou aqui radicados que se destacam em outras áreas: Isaac de Oliveira (pintura), Roberto Higa (fotografia), Pedro Guilherme (artes plásticas). Nesta presente edição, o homenageado é o nosso conhecido compositor, Geraldo Espíndola, um dos mais importantes autores da moderna música popular brasileira, do Centro Oeste e do país, trazendo não apenas uma entrevista humana e sensível feita pela poeta e Editora Assistente, Janet Zimmermann, mas também um belíssimo e significativo poema: **Geraldo Tupi Espíndola Guarani**, em que o define como (...) *o Bob Dylan do Pantanal, com um coração cheio de pássaros inquietos por cantarem, livres, na amplidão (...) poesia do meu poema, melodia dos meus versos, selvagem lírio dapaz...*

Outras surpresas aguardam nesta quarta edição da Revista Piúna: O ensaio **“A Grandeza Azul das Designificâncias do Chão”** sobre Manoel de Barros, escrito pela poeta Raquel Medina, alerta que: *Nosso poeta não morreu, ele “desamarrou o tempo do poste” e sua poesia anda bandoleando na gente, nos socorrendo do “mesmal” dos dias*. E assim, escrever sobre o Poeta é se repetir em estradas de encantos. Ora, como ele mesmo nos ensinou: *“repetir, repetir até ficar diferente”*. Outra novidade desta edição é a inclusão da Seção **Luminuras Filosóficas**, trazendo importantes reflexões do nosso associado Landes Pereira em: **“A Metafísica na Filosofia da Natureza”**.



Crônicas interessantes e reveladoras, contos fantásticos, poesias, resenhas, notícias e informações sobre a área literária regional e nacional ratificam a missão dialogadora da Revista Piúna, cuja faceta intertextual poderá também ser assimilada sob uma perspectiva horizontalizada, *sempre aberta à rearticulação de discursos e da própria crítica, em redes aleatórias, capazes de mediar e validar discussões literárias, sociais e culturais*, como esclarece o prof. Raul Antelo, crítico literário e doutor em Literatura Brasileira. Seguindo a trilha proposta pelo também professor e doutor em Letras, Pablo Rocca, *está inserida em um espaço funcional de objeto movente, estabelecendo, portanto, um desafio no tempo, fortalecendo ainda mais a simbologia do nome de nossa Revista, que já foi registrado no editorial de sua primeira edição — Por que Piúna? (out/2020). Mas é sempre bom repetir: “Piúna ou piúva é uma madeira de lei do cerrado que não deve faltar em projetos de revegetação permanente. E o mais importante: essa árvore não corre o risco de extinção”.*

Boa leitura!

Sylvia Cesco
Editora Geral



**ARTISTA HOMENAGEADO
ENTREVISTAS**

GERALDO ESPÍNDOLA



LARISSA
PULCHÉRIO
FOTOGRAFIA

Geraldo Espíndola é um dos mais importantes autores da moderna música popular brasileira, do Centro-Oeste e do país. Premiado compositor, músico e cantor de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, foi através de festivais de música que ganhou notoriedade e levou ao palco, pela primeira vez, sua irmã Tetê Espíndola. Tem canções gravadas por cantores e músicos de renome nacional. Com nove álbuns gravados até aqui, seu trabalho mais recente, “Pássaro do Pântano”, é basicamente feito de blues, onde expõe, com liberdade, a beleza e a sensibilidade da sua arte. Geraldo é uma lenda da nossa música... que a gente abraça, porque é simples gente da gente.

Contato: quiquihoproducoes@gmail.com

GERALDO TUPI ESPÍNDOLA GUARANI

(Janet Zimmermann)

Está nos cantos
dos bem-te-vis e dos beija-flores,
e nas flores sortidas
do jardim central.

Está nas matas nativas,
nas árvores urbanas
e nos pores do sol
das meninas dos olhos
dos artistas
e dos apaixonados...

Está nos puros semblantes
do aldeão pantaneiro
e do índio cigano,
e no sorriso tímido
da simples gente urbana.

Doce ilusão da fonte
que pro mar eternamente se vai,
lá vai ele pro "Matão",
o Bob Dylan do Pantanal,
com um coração cheio de pássaros inquietos
por cantarem, livres, na amplidão...

Voz das vozes da natureza,
é lenda que vive de viver
botando fiapos de nuvens branquinhas
nas nossas cabeças...

Geraldo Tupi Espíndola Guarani

:

poesia do meu poema,
melodia dos meus versos,
selvagem lírio
da paz

.
.
.



GERALDO ESPÍNDOLA

Tão do mundo e tão nosso!

(Janet Zimmermann)

* Degravação *ipsis litteris*

1. Janet Zimmermann: Você vem de uma família grande. Imagino que, por isso, sua infância e mocidade devem ter sido uma festa diária, com gente entrando e saindo o tempo todo de casa, fazendo brincadeiras, “contando causos”, tocando e cantando... Foi a partir da sua família que lhe aflorou o gosto pra música?

Geraldo Espíndola: *Foi, sim, uma infância muito assim, mesmo, bem pé chão, brincando com coisas naturais. E na família teve música, já, teve com os Mirandas, irmãos de mamãe, que eram os trigêmeos pianistas em São Paulo e foram maravilhosos na década de cinquenta. E por parte dos Espíndolas, também, tem muitos músicos que tocam, ciganos, médicos e toda uma árvore genealógica aí, que papai conheceu, até 900 anos atrás. Mas sempre foi um ambiente muito lúdico dentro da casa da minha mãe.*

2. JZ: Quando, como e com quem começou a sua carreira musical?

GE: *Começou em 1968 com Paulo Simões. Nós montamos uma banda chamada “Bizarros, Fetos e Pára-quedistas de Alfa Centauro” e concorremos num festival em Campo Grande, no Clube Surian, em 1968, e ganhamos o Prêmio de melhor intérprete com a canção “2001”, da Rita Lee e Tom Zé, foi*

muito bacana. Isso tudo a gente já vivendo o movimento mundial da década de sessenta, que a gente sabe que a história conta, e nós vivemos aqui, longe, e ao mesmo tempo tendo informação do mundo inteiro.

3. JZ: Você venceu alguns festivais. Quais foram e com quais canções?

GE: *Com a minha canção “Ponha na sua cabeça”, em 1972, festival de música de Campo Grande, no Teatro Glaucê Rocha. Foi muito bacana, também, e foi o lançamento da minha irmã Tetê, com 14 anos, primeira vez pisando no palco, ela e Celito, fazendo as “backing vocals” da minha canção, e eu arrematei o primeiro prêmio. Em 1977, no Clube Libanês, 1º FESSUL que houve, que era um esquema independente ainda da TVMorena, e eu ganhei com a canção “Voos Claros”, que eu fiz com o meu querido parceiro, falecido, já, Antonio Mário Silva, uma canção memorável que tenho registrada de várias e várias maneiras.*

4. JZ: Quantos álbuns você gravou até aqui? Fale um pouco sobre o primeiro e o último.

GE: *D’accord. É... o primeiro álbum que eu gravei foi “Tetê e o lírio selvagem”, em 1978, com as minhas irmãs Tetê e Alzira e meu irmão Celito. Nós fomos a primeira banda de música pop saída do*



Foto: Edson Silva



Centro-Oeste pra gravar lá numa companhia em São Paulo, na Polygram/Philips. Foi muito bacana. Dois anos que eu vivi em cima desse projeto, que saíram dois discos, um na sequência do outro. E o meu mais novo trabalho é o “Pássaro do Pântano” que eu tive um prazer de fazer, de dirigir, de tocar com os músicos que eu queria, então um registro muito simbólico, também. A foto eu fiz lá na Alemanha, numa ponte, em Colônia, com uma bicicleta que corre por uma calha, achei tão lindo aquilo, e tava 4 graus abaixo de zero. Foi muito bacana, eu falei: vou levar essa foto. Daí eu usei na capa do disco. Ah, foi muito legal, todos esses anos que eu tive meus trabalhos independentes. Tem vários, também, antes desse mais novo. Hoje em dia tá tudo na rede, tá tudo no Spotify ou no YouTube, onde cê quiser. O trabalho “Pássaro do Pântano”, que é meu mais novo trabalho, são os blues que eu compus durante vários anos da minha vida, e fui guardando... Então basicamente ele é feito de blues, “os blues pantaneiros do Geraldo Espíndola”. E é uma parte do meu trabalho que eu gosto muito.

5. JZ: Quando no grupo “Tetê e o lírio selvagem” – formado por você e seus irmãos Alzira, Tetê e Celito – você foi um de seus principais compositores.

Onde, naquele tempo e local, você buscava inspiração para tanto? Aconteciam-lhe insights ou epifanias? A poesia chegou a ser um instrumento inicial pra você compor?

GE: *Eu compus muita poesia de Humberto Espíndola que na época tava terminado a faculdade, em Curitiba, de jornalismo, e eu sabia dos poemas dele e uma vez ele me emprestou um caderno cheio de poesias, daí eu fiz várias músicas com as letras de Humberto, aquilo tudo foi me inspirando. Eu mesmo na escola gostava mais de ler Fernando Pessoa do que estudar química, esse tipo de coisa, e aí eu fui batalhando. Eu decidi ser músico muito cedo e virei músico profissional em 1970, então eu treinei muito pra isso, trabalhei muito em instrumento durante dez/doze horas por dia e, gozado, na nossa sociedade eu saía na rua e era chamado de vagabundo por causa do cabelo, dos meus trajes meio hippies/hiponga, entendeu, mas eu sempre trabalhei a música do jeito que eu imaginei ela, e por persistência, e por amar a minha cidade, e o meu estado, que me inspirou muito, também. Muita inspiração nas cachoeiras, Rio Verde, Pantanal, Bonito. Eu conheci tudo isso quando ainda era só estrada de terra ainda, e eu trabalhava de motorista pra firma de contabilidade do meu pai. Trabalhei oito anos, eu conheci todo o meu estado com estrada de terra, ainda...*

6. JZ: “Lava de Blues” e “Deixei meu Matão”, do álbum “30 anos nesse mato”, tiveram a participação – além de Marcelo Jeneci e outros grandes mú-

sicos – da cantora Elza Soares, um dos maiores ícones da música brasileira. O que isso simbolizou pra você?

GE: *Eu tenho a felicidade de ser afilhado da Elza Soares. Em 1985 eu fui convidado, pela Funarte, pra ser o artista três do elenco nacional. Quem era o elenco nacional? Elza Soares, João de Aquino e, em terceiro, Geraldo Espíndola. E nós rodamos nove capitais do Brasil. Ma foi uma coisa linda! Essa mulher me jogou lá em cima! E aí ela me escolheu pra ser a minha madrinha. Ela falou: “Geraldo posso ser sua madrinha?” Isso foi lá em Cuiabá, num hostel que a gente tava, assim, bem fazenda... “Posso ser sua madrinha, Geraldo Espíndola?”, eu falei “meu Deus, eu fui escolhido” e cê não sabe da maior, um dos primeiros, acho que o primeiro show que eu vi ao vivo na vida foi no teatro Santa Helena, na Dom Aquino, em 1962/61, eu era um garotinho, e quem tava lá? Elza Soares e Jairzinho, no mesmo palco, no teatro Santa Helena, foi um dos primeiros que eu vi na vida, eu acho. E aquilo me marcou e agora eu virei “afilhado de Elza”, mas é luxuoso demais, é um luxo ser afilhado dessa mulher santa, maravilhosa, que voz, que coisa, que personalidade, que postura, viva! Sim, e ela gravou, nós escolhemos a participação dela no meu “Lava” e no meu “Deixei meu Matão”. Tive o privilégio de gravar com ela, na mesma cabine de gravação. Foi maravilhoso. Inesquecível!*

7. JZ: Você é, principalmente para os sul-mato-grossenses, uma lenda da música local. Uma espécie de identidade do

estado, da qual temos muito orgulho. Como é que você encara isso?

GE: *Com muito amor e responsabilidade, por tudo o que me cativa e por tudo o que eu ajudei a cativar, porque eu quero um mundo cheio de gente com instrumentos de música na mão, e não com armas, nem fuzis, nem metralhadoras nem nada. Eu quero um mundo de verdade, mesmo.*

8. JZ: Como aconteceu a sua apresentação na Sorbonne (Universidade de Paris)?

GE: *Foi maravilhoso. Eu conheci um francês dando uma palestra na UCDB e aí ele se encantou com a minha música, também, e no ano França-Brasil, ele me convidou pra representar o Brasil na França e eu fui, meti a cara e fui, e me dei muito bem lá, porque, depois daquele ano eu fiz um tour. Naquele ano que eu fui, toquei, primeiro, em nove cidades do interior da França, nas ilhas de Ré e de Royan, cada lugar mais lindo do que o outro, cada show mais lindo do que o outro, uma juventude fantástica, até chegar em Paris, na Sorbonne. Eu tava hospedado na casa desse meu amigo Léo Dayan, que é o presidente da ONG que eu trabalho, lá em Paris, que é a Apreies, que chama-se... autores, poetas, um monte de coisa, é tudo arte sustentável, muito bacana. Eu recentemente fiz um filme com eles, fui à Bolívia dois/três anos atrás, ficamos vinte dias, fiz o caminho dos Incas, cinquenta anos depois, quase morri lá em cima por causa da mudança de ter perdido tudo, né, pressão, aaar, e eu não tomei o chá de coca, porque eu não gosto de porcaria. Ai, eu*

passsei mal. Devia ter tomado... Tem um filme sobre a Bolívia chamado "Por um novo luar", que eu participo, também, toco e converso com o Pacha Mama numa região. A Bolívia é linda, são onze línguas diferentes num mesmo país, várias tribos, vários sei lá, gente muito especial, também, e conhecimento, e uma preservação histórica, principalmente do lado das igrejas, catedrais, é muito bonito, os museus, tudo...

9. JZ: Kikio, letra e música, e Kikio, livro infantil (em parceria com os ilustradores Wanick Correa e Alexandre Leoni), são lindas homenagens à lenda do guerreiro Kikio, formador da América Latina, de modo que ambos enaltecem a história da ocupação dos tupis/guaranis. E tanto o livro quanto a música são adorados pelas crianças (de todas as idades). Por isso, pergunto: Você planeja seguir escrevendo literatura infantil?

GE: Nossa, planejar, planejar, eu, bom... tenho escrito algumas coisas, já saíram mais uns quatro livrinhos da Editora Life, com aquele menino Walter, eu tenho só uma cópia de cada um, não sei quando que ele vai me entregar as outras. Mas ficou muito interessante, por exemplo: aquela música a "Fonte da Ilusão", a outra "A Solidão do Caipira", "Vida Cigana", "Cunhata-ipurã", tudo tem uma história já ilustrada com o próprio Wanick Correa, que eu amo de paixão, que grande cara, que grande desenhista, o Leoni, também, maravilhosos, sendo que o livro saiu pela Editora Alvorada, do meu saudoso querido amigo Júnior, que era o presidente da Alvorada, que faleceu de Covid semana passada, até hoje tô muito triste com isso. E eles sempre contribuíram com tudo o

que a gente fez, desde o pai dele na Gráfica Alvorada, que bancava os meus "flyers", meus cartazes, tudo, ajudava em tudo quanto é produção artística e cultural. Povo de valor. Deixou muita saudade, o Júnior... Mas os planos, assim, planos, planos, puxa, eu tenho janela pra plano dentro do meu cérebro, mas, atualmente, tô criando uma janela cada vez maior para o vazio. No vazio tudo o que a gente capta fica parecendo novo (risos).

10. JZ: A maioria das suas letras contém elementos da natureza. Nisso, com relação à minha poesia, eu me identifico muito. Por mais que eu tente, não consigo sair desse tema tão maravilhoso e divinamente abrangente que, aliás, muito me ensina. De modo que a natureza é, para mim, uma fonte infinda. Sofro horrores pra sair dela... Você também padece tentando buscar outros tipos de inspirações? E sofre muito com a devastação da natureza?

GE: Eu padeço de tudo, porque eu sofro com a natureza sendo destruída, com os animaizinhos, eu gosto muito de animal e acho insuportável a situação que tão deixando o nosso planeta e luto pela ecologia desta nossa terra e do Brasil, desde mil novecentos e setenta e pouco que eu faço as minhas canções com a temática voltada pras paisagens da minha terra, pras boas lembranças, de tudo, pra ver se sustenta a natureza, pelo menos no imaginário ela tá sempre sustentada, agora, não depende só de mim, né, depende de todo mundo ter uma atitude legal em relação à nossa mãe-terra, porque sem ela a gente não consegue viver. Já pensou, crise de água, era o que faltava! E já pen-

sou faltar, é terrível! Eu tenho um urutau, aquele pássaro que se disfarça com a casca da árvore, no meu pé de Ipê, aqui, que quando floresce deixa a rua inteira cor-de-rosa, coisa mais linda! Tenho beija-flores, tenho tucanos, araras, tudo vem aqui no meu pé de ipê... Mas eu consigo, eu sou que nem o fogo, volátil, eu componho em bossa nova, componho em reggae, componho em várias linguagens, de rock, de blues, rock progressivo, eu adoro fazer essas brincadeiras. E também sou apaixonado pelas nossas guarânias, imagina, vivo inventando, também.

11. JZ: Neste tempo pandêmico em que não estão acontecendo apresentações musicais com público presente, você conseguiu se adaptar às famosas "lives"? Tem algum projeto desse tipo em andamento? Ou outros projetos?

GE: Participei de várias lives com o pessoal de São Paulo, de vários lugares aí, participei, sim, sempre aparecendo e agradecendo aos profissionais de saúde, em primeiro lugar, que tão sofrendo tanto no Brasil, cuidando de gente que tá à morte, né, horrível, e tirando a minha máscara antes de começar a cantar e participar das lives. Sempre com esta postura que eu acho que é o mais correto. E o que eu tenho feito com a Quiquiho Produções (leia-se "Dalila"), são projetos que, graças a Deus, nós tivemos aprovados numa lei da cultura, anteriormente, e tamos executando, um deles é o que está na arte final que é sobre os festivais de Campo Grande, festivais de música, com as fotografias do Roberto Higa, então chama-se "Sonoras imagens de uma época", e eu canto, resgatei todas as nove canções desses anos todos de fes-

tivais e gravei elas numa linguagem nova, mas sem perder o original, e tá registrado, é uma coisa que vai tá no site, agora, do YouTube, da SECTUR, e vai tá registrado pra sempre uma época que não tinha nenhuma memória, entendeu, e a Dalila teve a linda ideia, fez o projeto e nós aprovamos, e já está na arte final. Vai ficar lindo.

12. JZ: Fora o “Matão”, em que outro estado brasileiro você moraria?

GE: Ah, só no “Matão”, não tem

condição outro lugar no mundo, não.

13. JZ: Quais são as suas cantoras preferidas, de todos os tempos?

GE: Tetê Espindola, Amy Winehouse, Giulia Be.

14. JZ: Quais são as suas flores prediletas?

GE: Orquídeas cor de rosas, brancinhas, amarelinhas, e azuis, são demais!...

15. JZ: Por fim, o que você gostaria de deixar dito para as futuras gerações de músicos desta terra querida?

GE: Que vivam intensamente e de verdade tudo o que fizerem, porque a música só ajuda a gente nesta grande viagem que é a Vida, né. Eu acho que só ajuda, nunca atrapalha, então... Eu, quando comecei, meu número de OMB aqui foi 730, hoje tem mais de 60.000 músicos de alto nível no meu estado, tenho o maior orgulho disso. Então continua, bota a maior fé, bota a maior fé!

Eis o Geraldo, a voz do “Matão” que nos enleva e orgulha. A lenda da música do Centro-Oeste, o índio hippie ou o hippie índio, tanto faz, o que importa é que ele existe e é daqui, inda que de vez em vez dê uns bordejos mundo afora. Porque deste chão nem pensa em sair! Chão que de tempo em tempo é atapetado por flores “cor de rosas”, de ipê, atrativos para os beija-flores e pra poesia musical desse menestrel contemporâneo desta vasta e abençoada terra pantaneira. Eis o Geraldo, tão distante e tão amigo. Tão notável e tão simples. Tão do mundo e tão nosso!...



Foto: Lelíia Nokô

“(...) Um natal feliz para sempre será
Se a gente aprender da água pura cuidar
Pelo amor de Deus
A fonte da ilusão não pode acabar”

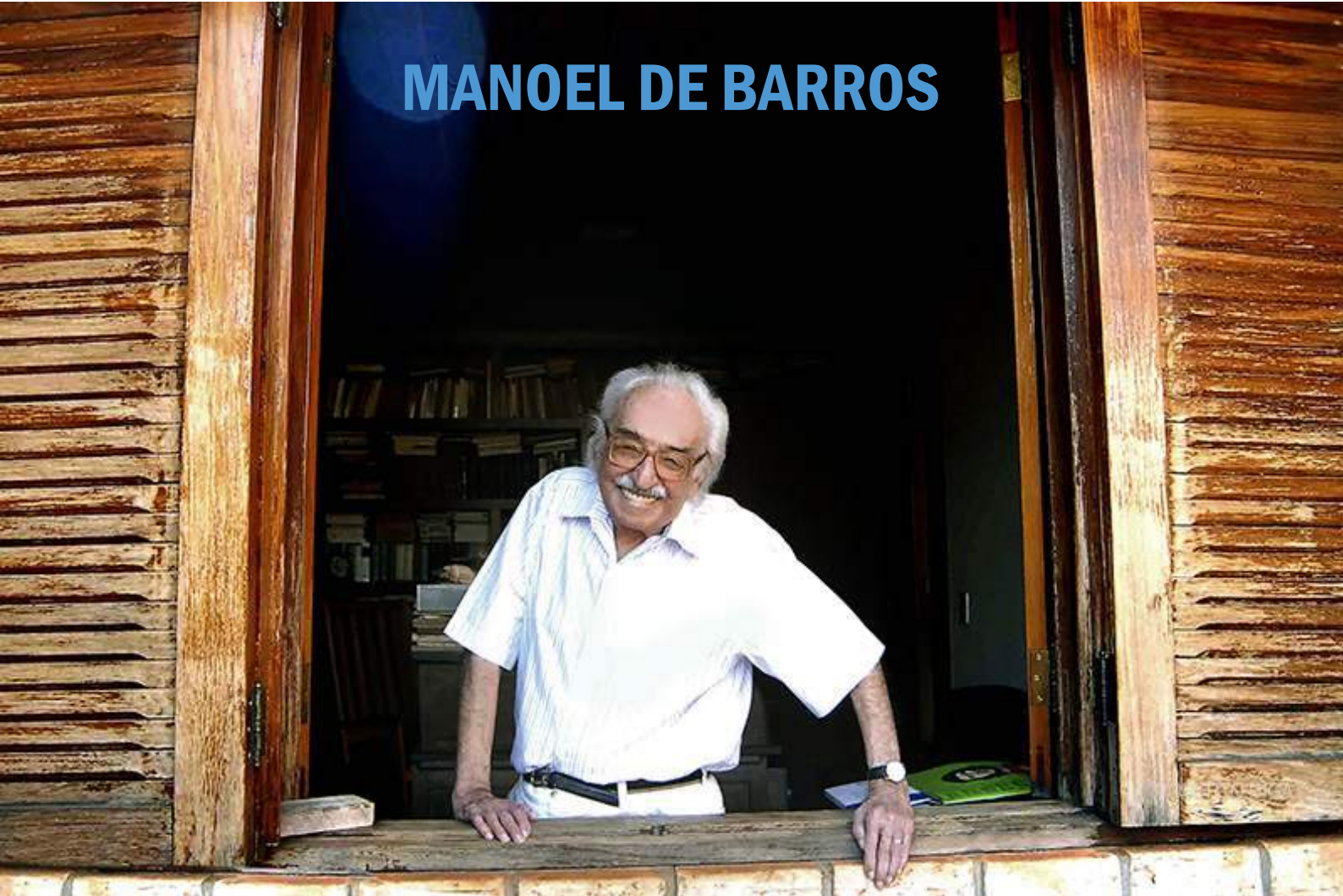




PORTA-RETRATOS

ENSAIOS

MANOEL DE BARROS



A GRANDEZA AZUL DAS DESSIGNIFICÂNCIAS DO CHÃO

(Raquel Medina)

Perdoem-me leitores do tempo! É possível que tudo o que esteja neste texto já tenha sido escrito sob diversos sentimentos e palavras de amor e encanto pelo nosso Poeta Manoel de Barros. Contudo, corremos o risco de, entre repetições, encontrarmos novas faces nas palavras que têm a linguagem “puerícia” como horizonte. Buscamos, aqui, nenhuma análise da obra manoelina. Trata-se de um cisco de prosa e passeio por sua poesia, pela epifania das coisas inúteis e do azul que sua arte fecunda no olho da nossa alma. É um convite para espiar as coisas vivas que moram no terreno baldio, as miudezas que lá habitam e estão aos nossos pés e dentro de nós.

Assim, de pequenezas, celestar-se, com visão de poesia, pelas coisas despedaçadas e esquecidas no chão: garrafas partidas de tempo, cacos de vidros afiados de sol, metais contorcidos de mato e pedras com lembranças de cimento no corpo e muito silêncio. São pedaços de existências carregadas de esperas, pequenos bichos e outras vidas. “O que é feito de pedaços precisa ser amado!”. Um universo de silêncios convidando ao amor, ao chão que compõe o ver de azul e, dessa forma, enleva-nos, portanto, aos nossos primórdios através da contemplação das inutilidades. Uma oração - porque “todas as coisas apropriadas ao abandono religam a Deus”. Aliás, o chão, além de lagartos, tem altares (é o que ensina a matéria de poesia manoesca). O mundo se torna mais imenso se olharmos da altura das formigas.

Escrever sobre o Poeta é se repetir em estradas de encantos. Ora, como ele mesmo nos ensinou: “repetir, repetir até ficar diferente”. E, assim, experimentamos novos sabores do azul da sua poesia que tem tantas cores para a alma. Ouso dizer: a Poesia é daqui do chão, sim, de onde os pés pisam, de onde surgem as raízes rompendo concretos, de onde vêm os capins e cupins e os ninhos de quero-quero, passarinho “desbocado no amor”; de onde a terra se emociona e sorri corixos, pois é desses barros o Manoel. Em entrevista concedida a Bosco Martins, Cláudia Trimarco, Douglas Diegues, em 2006¹, ano em que completou 90 anos, o Poeta declara:

Pantanal é o lugar da minha infância. Recebi as primeiras percepções do mundo no Pantanal. Meu olhar viu primeiro as coisas no Pantanal. Minhas ouças ouviram primeiro os ruídos do mato. Meu olfato sentiu primeiro as emanções do campo. E assim com os outros sentidos. O que eu tenho de preciso são as primeiras emanções que Aristóteles chamaria de nossos primeiros conhecimentos.

O pantanal batizou os sentidos de Manoel de Barros. Uma espécie de batismo-lírico com um dos raios luminosos do coração de Deus, a Poesia, sendo ordenado a “carregar água na peneira a vida toda”. Assim se fez. Mesmo vivendo muito tempo distante de sua terra, não se desentranhou do poeta a missão lírica de “encher os vazios com suas peraltagens”. Tendo passado anos com os olhos diante do mar, vendo o “morro que entorta a bunda da paisagem”, corixo é o que regava sua linguagem.

O seu cordão umbilical-lírico não se desprende dos começos da vida e, por isso, o homem conheceu e criou no mundo as muitas infâncias na existência, pela palavra. Manoel não saiu desse quintal, que “é maior que o mundo”, ampliado de invenções. O poeta mesmo declara: “tudo que não invento é falso”. Esse poder de invencionismo vem de saberes pueris. Na entrevista, mencionada anteriormente, ele revela que

o que sei e o que uso para a poesia vem de minhas percepções infantis (...). O meu conhecimento vem da infância. É a percepção do ser quando nasce. O primeiro olhar, o primeiro gesto, o primeiro tocar, o cheiro, enfim. Todo esse primeiro conhecimento é o mais importante do ser humano. Pois é o que vem pelos sentidos. Então, esse conhecimento que vem da infância é exatamente aquele que ainda não perdi. Porque os outros sentidos fomos adquirindo porque era quase uma obrigação.



¹ Especial para a Revista Caros Amigos Ano X, Número 117, Dezembro de 2006.

Por isso, sua poesia nos permite: o “criançamento” nesse imenso quintal que cada um tem dentro de si; sentir as origens das raízes voadas no chão; saber que não há velhice, mas infâncias antigas. Esse universo inventado e tão real é construído pelas palavras e saberes criancados. São palavras agramaticais, como humanos sem vaidades. Assim, percebemos a palavra despida de gramática, como sai da boca das crianças, pingada de inocência, “a inocência é que comanda a poesia”².

Para chegar a esse começo, é preciso “transver” a palavra, até enxergá-la como um ser orgânico, como uma vida: com suas histórias e sentimentos – até que se consiga ouvir o canto de silêncio na voz. A palavra é um ser vivo e é preciso percebê-la como tal. Como diria Drummond, em Procura de poesia, “cada uma / tem mil faces secretas sob a face neutra”. Dessa forma, se revela, pela poesia, um “ver, rever e transver o mundo”. Perdoem-me, novamente, leitores, a poesia só se explica pela poesia. Não há outra forma.

A palavra é humana. Na obra “A língua Portuguesa”, Fernando Pessoa escreveu: “quem não vê bem uma palavra, não pode ver bem uma alma”. Para se conhecer um ser, é preciso olhar e ouvi-lo com todos os sentidos possíveis. No universo letral não é diferente. É preciso contemplação, até poder escutar “o delírio do verbo” ensinado pelas crianças, “o delírio do verbo estava no começo, lá onde a / criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos*”. No seu “dessaber” (desvaidade), “a criança muda a função de um verbo, ele delira”. A criança, na sua inocência, humaniza a palavra. Ela é mestre na poesia, por isso “as coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças”. Reconhecer nossa condição de nada é avançar na humanidade e estar apto a encher-se de levezas, azul e nobrezas rastejantes. E, assim, sermos dignos de “receber no corpo os orvalhos da manhã”. É preciso, portanto, incorporar a “arte de infantilizar”[-se]. O reino das palavras é sem gramática, esta última é vaidade sobre as letras; assim como a razão pode ser nossa vaidade, esta “é acessório”.

A poesia de Manoel de Barros, ao apresentar crianças como criadoras de palavras, mostra que a grandeza da vida é voltar à infância das coisas. Nesse processo, “é preciso desaprender 8 horas por dia”. O Poeta é desaprendido de vaidade, as crianças e as lesmas também: os primeiros são fertilizados

“*prapoesia*” e o terceiro tem “um incêndio de girasóis na alma”. Desaprender é se encaminhar aos primórdios do mundo, pois o mundo é tudo que nossa visão pode alcançar. Aprender a respiração das pedras; a grandeza dos passarinhos; “chegar ao criancamento das palavras”, saber a importância de uma “mosca dependurada na beira de um ralo”. Isso é exercício de enxergar quem somos e tocar nossa humanidade.

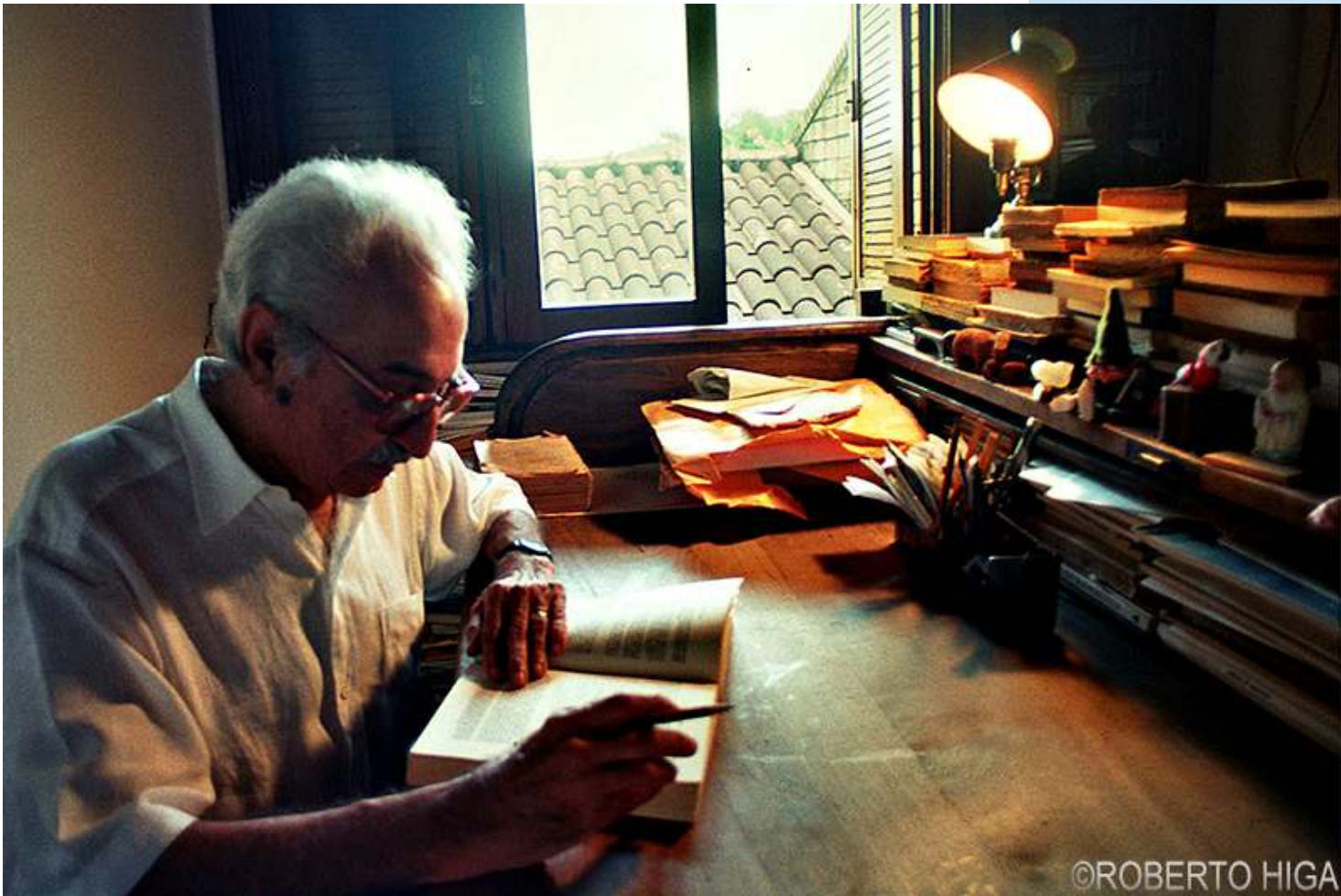
Essa linguagem de des[a]prendimento, alimentada pelo chão, ensina que avançar é voltar ao começo. Padre Antônio Vieira explica por imagens que “em qualquer parte da vida somos pó”, os passos que nos apartam da saída é o que nos aproxima do fim. O fim e chegada são o mesmo ponto. As vaidades deixam no esquecimento essa questão. O que nos diferencia das coisas que não se movem é o vento soprado.

Dá um pé-de-vento, levanta-se o pó no ar, e que faz? O que fazem as vivos, e muitos vivos. Não aquieta o pó, nem pode estar queda: anda, corre, voa, entra por esta rua, sai por aquela; já vai adiante, já torna atrás; tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo cega, tudo penetra, em tudo e por tudo se mete, sem aquietar, nem sossegar um momento, enquanto o vento dura. Acalmou o vento, cai o pó, e onde o vento parou, ali fica, ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar; ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim? Assim é. E que pó, e que vento é este? O pó somos nós. (VIEIRA, 2008).

A ida é a volta aos fósseis da existência; voar ao céu-chão; à natureza das coisas e suas desprestezas, “quem não conhece a inocência da natureza, não se conhece”. Para enxergar voos, é preciso tocar a terra, ter ensinamentos dos seres que habitam os formigueiros, conchas desabitadas e “terreno 10x20, sujo e mato”. E isso constrói asas na imaginação para que depois se possa “voar fora da asa”.

As imagens da poesia de Manoel de Barros: pássaros, rãs, lesmas, pregos, andarilhos, abandono, tudo desenhado pela palavra, leva-nos, despreziosamente, a modificar ou retomar nossa visão infantil diante das coisas que nos circundam, e aprendemos que “as coisas não querem mais ser

² Entrevista concedida a Bosco Martins, Cláudia Trimarco, Douglas Diegues, em 2006.



©ROBERTO HIGA

vistas por pessoas razoáveis. Elas desejam ser olhadas de azul” e assim reencontramos nossa essência humana a partir da humanização e encontro com a palavra desencontrada, numa invenção liricamente redordenada como a madrugada que “contraía orvalho nas escamas e na marmita”.

Esse processo de encontrar esses desencontros minando poesia seria como “escovar as palavras”. Na primeira infância, nosso Poeta revela: “eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma”. A palavra é humanizada, tem rosto, tem perfume, voz e silêncios; a palavra por ela mesma. Sendo assim, ela é humana. É preciso amá-la para esta viagem verbal “prapoesia”.

No livro “Celebração das coisas: Bonecos e poesias de Manoel de Barros – 90 anos do poeta” (livro presente em homenagem aos 90 anos de MdB), o poeta e amigo de Manoel de Barros, Douglas Diegues, em seu portunhol selvagem, num poético depoimento, afirma: “aprendi muito sobre el Arte de la Palabra lendo seus escritos y oubindo alegremente tudo lo que ele me disse y transmitiu. Aprendi

di que la Palabra es Vida. Aprendi que la poesia é Vida. Ou non es porra ninguna.” (p. 31). Diegues incorporou esses ensinamentos, “porque poesia não é para entender”.

Em todo tempo o poeta indica pistas líricas, onde podemos ir a fim de encontrar a simplicidade, o ínfimo das coisas, assim podemos adquirir visão de ver a nós mesmos desde dentro a partir das coisas rasteiras, estas que habitam abandonos, que, de tão pequenas, atingem grandiosidade azul das dessignificâncias do chão. Isso quando a palavra passa a ser em seu estado de poesia.

Manoel de Barros foi profundo estudador, conhecedor e lapidador de palavras, aprendeu a amá-las, por essa razão, libertou-as das gramáticas. E foi além, humanizou-as; o poeta é guardado e procurado por elas, “as palavras me escondem sem cuidado”; “aonde eu não estou as palavras me acham”. Humanizando as palavras, foi capaz de humanizar a própria natureza, “folhas secas me outonam” ou “sapos desejam ser-me”. Além disso, mostrou que na incompletude está a riqueza do homem e que as “coisas sem importância são bens de poesia”.

*O que resta de grandezas para nós são os
desconhecidos – completou.
Para enxergar as coisas sem feitiço é preciso
não saber nada.
É preciso entrar em estado de árvore.
É preciso entrar em estado de palavra.
Só quem está em estado de palavra pode
enxergar as coisas sem feitiço.*

(In. *Gramática expositiva do chão*)

Passear pela poesia do Poeta é fecundar a alma de ternura das pequenas coisas que nossas vaidades diárias insistem em ocultar, sem nosso consentimento. O chão é extensão, partida e chegada de nossa existência e nele habita o azul de todas as cores e seres que só a poesia dá visão para que possamos enxergá-lo. “Poesia é voar fora da asa”. É estar no chão voando pelos universos das designificações, onde resgatamos a parte mais bonita do que somos.

Nosso poeta não morreu, ele “desamarrou o tempo do poste” e sua poesia anda bandoleando na gente, nos socorrendo do “mesmal” dos dias.



Raquel Medina Dias é natural de Miranda/MS, atualmente reside em Campo Grande/MS. Mestre em Letras pela UFMS. É poeta e professora. Possui textos publicados em antologias, revista eletrônica e jornais impressos e eletrônicos. É membro da União Brasileira de Escritores de Mato Grosso do Sul.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: As infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: LeYa, 2013.

DIEGUES, Douglas; MARTINS, Bosco; TRIMARCO, Cláudia. *Aos noventa anos Manoel de Barros se considera um songo*. Disponível em: <http://bosco.blog.br/manoel-de-barros/aos-noventa-anos-manoel-de-barros-se-considera-um-songo/>. Acesso em 13/04/202

SPINDOLA, Pedro (org.). *Celebração das coisas: Bonecos e poesias de Manoel de Barros – 90 anos do poeta*, 2006. (Livro presente em homenagem aos 90 anos do poeta – 19/12/2006. / Projeto, planejamento visual e edição: Pedro Spindola).

VIEIRA, Antônio. Sermão de quarta-feira de cinza. In. *Padre Antônio Vieira: Sermões – parte 1*. Ministério da Cultura Fundação Biblioteca Nacional: Edição eBooksBrasil, 2008. Disponível em: <https://alfredoreisviegas.files.wordpress.com/2017/05/sermc3a3o-de-quarta-feira-de-cinza-antc3b4nio-vieira-e28093-pag-55-104.pdf>. Acesso em 09/05/2021.



ORA (DIREIS) OUVIR ESTRELAS



*** Angela Cristina Colognesi dos Reis:**

Formada em Educação Artística
Habilitação em Música (UFPA);
Professora Especialista em Arte e
Cultura Regional pela Faculdade
Novoeste; Acadêmica da AFLAMS
(Academia Feminina de Letras e Arte
do Mato Grosso do Sul cadeira nº 28);
Membro da Comissão Sul-Mato-
Grossense de Folclore, Membro da
Organização Internacional de Folclore e
Artes Populares secção Brasil (IOV).

“BRAINSTORM”

(Angela Colognesi)

“Brainstorm” - tempestade cerebral.
Chovem letras do alfabeto do céu,
Escorrem palavras pelos dedos das mãos,
O solo encharcado de signos e significados
Ganha força, vida e muda nossa realidade.

A paisagem vai se modificando aos poucos,
Os sentimentos se revelam como as estações do ano.
Não podemos mais dissociá-los, estão enraizados,
O coração pulsa o centro da Terra, nossos desejos,
O cheiro suave da alegria banha nossa alma.

E assim seguimos em harmonia com nossos irmãos,
Esses que por muitas vezes não se deixam embevecer
Pelas maravilhas que Deus criou, pelas nossas diferenças.
O que nos torna especiais é nossa singularidade.
Deixe chover, deixe encharcar e se deixe levar.



ENTRE RUAS E TONS DA CIDADE MORENA – A SAUDADE!

(Camila Cabral)

Ruas quietas, travessas, bancos e paralelepípedos desertos de gente,
Com saudade de vida. Verde, muito verde entre as avenidas largas.
Mas há vida própria, e mais, vida majestosa entre galhos imponentes!
Em desenho livre com formas, cordas e raízes já centenárias,
[resistem saudosas e exuberantes figueiras.

Elas aguardam pacientemente o tempo da natureza, o tempo desnatural.
Minha alma se aquieta pela ansiedade de caminhar sob sua sombra fresca,
Para sentir-me novamente pequena, mas não insignificante, diante delas.
Para sonhar, para escrever e congratular tanta beleza verde, descomunal.
[Sem máscara, respirar o frio vento soprando em nossos pés.

E então, segura, minha capital permitirá também admirar o rosado tom
Que invade calçadas e terrenos baldios se antecipando à bela primavera,
Para depois agradecer toda a cidade com lindas nuvenzinhas de algodão!
Lapidados após tanta dor, lembraremos amizades à sombra das paineiras,
[em bancos improvisados, tomando o nosso rico tereré!

Ah Campo Grande! Terra de gente simples, cidade grande em formosura!
Maior ainda quando nossos pés calmos e exultantes agradecem ao sol,
[a quem carinhosamente chamamos: Cidade Morena!



*** Camila Cabral.**

Sul-mato-grossense, douradense adotada pela fronteira Ponta Porã/Pedro Juan Caballero – Py. Pedagoga, doutoranda em Educação pela UFMS. Professora, mulher, mãe, menina, acima e no interior de tudo, poeta. Participações em publicação de antologias e projetos regionais. Membro da Diretiva brasileira da “Cumbre Mundial de las Artes por la Paz y por la Vida” (Quito); Membro da União Brasileira de Escritores de Mato Grosso do Sul – UBE-MS. Gerencia a página no Instagram @poesiageometrica.



* **Carmem Lúcia Dias de Andrade Santos**, natural de Itumbiara-GO, cidadã campo-grandense, escritora, poetisa, professora, canoísta. Publicações: "Entrelaço Poético"; "Lilica, a galinha árvore"; Coautora: "Cápsula Tarja Preta", "101 Reinvenções", "Prosas e segredos da morena". É membro da UBE/MS.

ATÉ QUANDO?

(Clucia Andrade)

Às Margaridas, Marias, Rosas, meu respeito em versos de dor.

Bem-me-quer
Malmequer
bem
mal
mau!
Desfolhada flor
e coração...
se contar, apanha!
cante! Mais alto, mais alto!
Bem-me-quer
mal
mau!
Ai, ai, ai, chega, ai, ai
Se contar, apanha!
Cante, cante, cante!
Mesmo despetalada
forte ficou
enfrentou
cuspiu
rezou
amaldiçoou
gritou...
Ninguém ouviu
a voz que calou
no silêncio da noite.

Estampada ficou
na primeira página do jornal:
"Mais uma mulher vítima de feminicídio!
Nos últimos meses mais de 500 mulheres foram mortas..."

(...)

Nas mãos, margaridas desfolhadas
Bem-me-quer
mal
mau!
o zunido
o sangue
o grito
a dor
o silêncio
e a flor despetalada
jazem pálidas.
Até quando?

EVITERNAS

(Eva Vilma)

“Por que é que o homem mata o ventre que lhe pariu?”

(Mulamba)

Para Telma Rabero, *in memoriam*, daqui deste corpo-luta,
deste coração que sangra e pulsa por justiça.

Mal recolhemos os cacos e as dores
cada vez que parte de nós sangra e morre
com as Marias-lutas derrubadas em batalha,
mal retomamos o fôlego no front
e outra se vai
e a luta permanece.
Dia após dia o patriarcado nos declara guerra
arranca de nós, outro sangue que não o sagrado dos ciclos
nega-nos o direito básico à vida
e a dádiva dos risos.
Nega-nos a decisão pelo fim de um relacionamento
e nos declara culpadas quando não rompemos correntes
O machismo espreita nossos passos
feito bicho faminto de poder,
miserável e amofinado
em sua visão repugnante de mundo.
Esse mundo sem voz e sem vez à mulher.
E ainda assim seguimos
e ainda assim resistimos
reexistimos depois da morte
feito árvore frondosa,
raízes entrelaçadas no solo,
composição de matéria sagrada dos corpos,
sustentação para o caule,
folhas
fruto-feminismo
fruto-luta
semente
germinação
poder da vida.
Seguimos
nós por nós
daqui, de outro lugar
além-mundo,
seguimos.



* **Eva Vilma** é escritora, mãe, capoeirista e educadora. Curadora do selo Avuá de literatura infantil na Avá editora. Tem participação em várias coletâneas de poesia. É autora do livro infantil “Ela é...” e coautora do livro infantil “Onde está?”. São também de sua autoria os livros de poesia “Incômoda” e “Incandescente”. Este último, compoendo a Coleção II do Mulherio das Letras.



* **Fábio Gondim**, escritor. Lançou seu primeiro livro, "Versos para Lamber" em 2017; organiza antologias de autores de Mato Grosso do Sul, dentre elas "CromoSsomoS - Literatura LGBTQIA+ no MS" (2019, em parceria com o escritor Vini Willyan).

REMORSO

(Fábio Gondim)

busco o desgosto ciático
das terras sem mato,
dos campos em chamas
e arame farpado.

visto o efêmero sopra
dos ares sem útero,
de ventos sem ritmo
e galhos sem pássaro.

sigo por redemoinhos
dos mares de ácido,

de peixes verdinhos,
de pet,
de plástico.



AUTO DA LIBERDADE

(Ismael Machado)

Ao poeta Manuel Bandeira

Vou-me embora para onde os sonhos
De coloridos se tornam exuberantes,
Irisados ao sol, ao céu.

Lá onde a realidade triste é
Para sempre distante.
Um lugar sem reis, rainhas,
Nem súditos, vassallos.

É para lá que, sem demora, eu vou.
Nas asas da imaginação, ou
Nas horas mais doces da oração,
me transportar.

Onde o desespero não tem guarida,
E a vida, locupleta-se em si mesma.

Para esse recôndito tanto intenso
Em que os úteros se tornam desmesurados
Para caber-lhe o prazer.

Esfera na qual os amantes vivem de amores,
E o cristalino dos olhos transparece
Esse amor de ambos, em límpida alegria.
Onde amigos há, além da amizade,
Semelhantes aos compadres de outrora,
Que os mais moços não conhecem agora.

Onde as mulheres emudecidas de gozo,
Por seus múltiplos orgasmos,
Se veem caladas e nem pensam em dizer nada.

Este lugar existe, onde a existência se desfaz.
Um lindo lugar, de belezas e encantos,
Inenarráveis aos meros mortais.

Onde viveria como um filho dos livres, dos simples,
Em jardins floridos de liberdade,
Na Terra do Nunca, onde o tempo não existe.



* **Ismael Machado.** Poeta e arte-educador, autor dos livros Folhas de Março (2006), Folhas Brasileiras (2010), Sonho e Pó (edições: brasileira/Life, 2013, e portuguesa/Chiado, 2016), Folhas ao Vento (2015) e Quatro Estações (2018). Em 2012 participou do Salão do Livro de Paris; em 2016 foi autor convidado da 24ª Bienal Internacional do Livro de SP e em 2019 recebeu o Troféu Castro Alves de Literatura pelo conjunto da sua obra poética.
E-mail: machado.ism@gmail.com, Campo Grande – MS.



* **Marcos Estevão dos Santos Moura**, natural de Belém do Pará, médico psiquiatra e escritor. Membro da União Brasileira de Escritores (UBE/MS). Autor dos livros: 1. "A caserna em versos e rimas e um pouco de prosa"; 2. "Meu nome é Romualdo"; 3. "Dependência Química, uma prisão de ponta-cabeça"; 4. "Pedacos de Mim"; 5. "Circulus Libenter". Participação em diversas Coletâneas Sul-mato-grossenses.

FUGA

(*Marcos Estevão*)

Inconstante
Descontente
Sigo temendo
Meu destemor
Preces incrédulas
Percorrem o desatino das horas
Conduzidas por olhares perdidos
O toque de recolher
Nos faz fugitivos da noite
As Três Marias escondem-se
Nos sonhos que se foram
O novo normal tem cheiro de gelo
Meus olhos privam-se de um bom dia
Quero esconder-me embaixo do lençol.



DÁBLIU

(Walesca Cassundé)

(Inspirado na poesia de Ildeus Muller)

O dábliu que inicia meu nome
Às vezes tem o gosto doce do waffle,
E do brownie;
Noutras, a paciência que ressurte
Das composições de Wagner.
Em website
Abre as janelas do mundo,
É corpulento em cowboy
E transpira poder em Washington.
Pode ser divertido na prática de windsurfe,
Colorido em patchwork,
Mas é frequentemente violento
Nos filmes de western.
Em lockdown
Fecha todas as portas
Mas o pay-per-view
Ajuda a passar o tempo
Pelo menos na high society.
Tem natureza fonética híbrida;
A um só tempo é vogal e consoante;
Fala-se o mesmo som do vê, de vida,
No sobrenome de Karol, o Wojtyła
E soa como um "U" em Newton
Nobre Cavaleiro da Rainha Ana
Que se destacou na física, na astronomia
E na matemática.
No português brasileiro
Não passa de um enxerido;
Soa arrogante, ostensivo;
Introduz estrangeirismos.
Já foi banido uma vez
Mas voltou a integrar o alfabeto
Apesar da grafia exótica.
Para a alegria de papai
Que não se cansa de dizer
Que "Walesca" é soberana -
Governante gloriosa,
inteligente e afetuosa.



* **Walesca de Araújo Cassundé**
(Walesca Cassundé) é criminalista por vocação e humanista por excelência – faz poesia como uma espécie de catarse, para libertação física e purgação espiritual. *Confissões Essenciais*, poemas, Centro Gráfico Ruy Barbosa, 2016, é seu único livro autoral. É colaboradora assídua da Revista Pixé, publicada em Cuiabá/MT. Participou de diversas antologias. Seu poema *A Noiva Morena do Cerrado* foi classificado em terceiro lugar na 31ª Noite Nacional da Poesia, em 2019. É membro da União Brasileira de Escritores de Mato Grosso do Sul.

ALDRAVIAS

A POESIA IMPREVISTA DE TRÊS POETAS ALDRAVISTAS

(Sylvia Cesco)

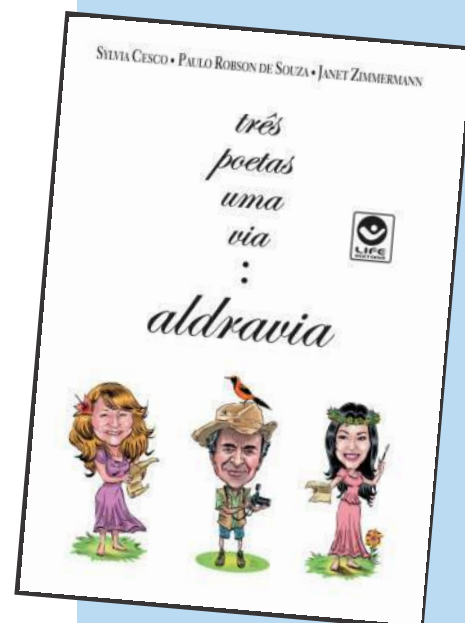
A Aldravia, poesia minimalista de apenas seis palavras-versos, foi criada em Mariana, MG, por estudiosos de Literatura, Semiótica, Crítica Literária, Jornalismo. Para eles, a poesia não deve ser *uma via de mão única ou uma imposição do sujeito-autor, mas defendem uma nova forma, mas não uma 'fôrma', como a trova, o haicai, o soneto*. A leitura do livro "Aldravismo - Reinvenção da Arte pelo Jornalismo Cultural", (MG, 2018), de J. B. Donadon-Leal, e de: "Aldravismo: Movimento Mineiro do Século XXI", de Andreia Donadon Leal, (MG, 2014), me alumiou e iluminou. Mais: ensolarou, enlueceu, enriachou minha alma. Poeticamente, endoideci: finalmente uma poesia que provocava! Que libertava e acolhia o meu entendimento, dando-me uma coautoria! Pois é isso que a aldravia faz: seu leitor é aquele que busca algo que só ele viu. Essa liberdade é dada pela metonímia, sempre presente nas aldravias. *A arte aldravista é metonímica, pois não tem a pretensão de mostrar uma totalidade; contenta-se em apresentar um indício, uma metonímia. Não é presa a uma forma; molda-se à forma que melhor seja a expressão de um indício* (Donadon-Leal). Já registramos, então, dois critérios da poesia aldravista: ser livre e ser metonímica. O terceiro é ter poeticidade, que não significa ter rima, embora ela não seja "proibida". Tem que ter apenas *seis versos univoculares, com sintaxe paratática, o que significa que todo poeta aldravista precisa se basear no conceito poundiano de o máximo de poesia num mínimo de palavras*. Nas aldravias, todos os versos se iniciam com minúsculas; as maiúsculas são opcionais nos nomes próprios. A divisão em palavras-versos já implica pausa e por isso não é recomendada a utilização de pontuação, já que esta limita possíveis interpretações relativas à livre escolha de interpretação. Mas, exclamações, interrogações e dois pontos podem ser utilizados se a sintaxe aldrávica, por si só, não denunciar a sua proposição. O nome "aldravia" foi originado da palavra aldrava ou aldraba – um tipo de trava muito usado nas portas das casas antigas, que servia para bater e chamar os moradores. Na poesia ela é usada com seu sentido semiótico, para assumir uma função distinta: a de "bater, bater, bater até que alguém venha abrir a porta do sentido que se deseja". E, quando abrimos nossas portas para as aldravias, somos, de imediato, libertos das prepotentes metáforas que trazem consigo arroubos de substituições totalitárias (...) *generalizadoras, portanto, perigosas, e somos apresentados à elegância respeitosa das metonímias que apenas*



nos sugerem percepções, em que autor e leitor percebem porções daquilo que é possível, segundo seu critério de julgamento. Compreendida essa nova forma de poetizar, busquei por poetas de Mato Grosso do Sul que estivessem, como eu, dispostos a se encantarem com o *logos* de um luminoso universo. Encontrei alguns, entre eles, Janet Zimmermann e Paulo Robson de Souza. Para não cometer pecadinhos de escrever um amontoado de *palavras soltas/empilhadas, uma repetição de ditados populares ou de expressões conhecidas e surradas*, durante algumas tardes de sábados ensolarados, nos reunimos para estudar esse gênero poético genuinamente brasileiro, com almas abertas às críticas e sugestões de um e de outro. O resultado foi o livro: **“três / poetas / uma / via / : / aldravia”** (O título é assim mesmo: escrito tudo com letra minúscula e sem vírgula. É uma das regras da poesia adravista). Foi lançado no dia 11 de março do ano passado, no Recanto do Canto e da Poesia, numa agradabilíssima noite cultural.



Três poetas uma via: Janet Zimmermann, Paulo Robson de Souza e Sylvia Cesco



A seguir, algumas aldravias dos poetas citados neste texto.



De Janet Zimmermann:

rãs
coaxam
grilos
cricilam
poetas
salmodiam

sonhando
sonhava
dentro
do
voo
voava

camalotes
malotes
originais
do
rio
paraguai



De Paulo Robson de Souza:

João Grilo
cricrila
Chicó
cacareja
ambos
suassunam

Diadorim
dia
Riobaldo
rio
cerrados
ambiguidades

toque-me
abra-me
aldravie-me!
entre
sem
bater



De Sylvia Cesco:

beija-flor
pousado
prenúncio
de
jardim
abandonado

bemóis
sustenidos
amadurecendo
ao
sol
gira(s)sóis

rendas
finas
esgarçadas
:
núpcias
envelhecidas



* **Sylvia Cesco** é de Campo Grande, MS. Formada em Letras, Pedagogia e Psicopedagogia, com especialização em Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade de Taubaté/SP, e pós-graduada em Educação e Supervisão Escolar pela USP/SP. Publicou: "Guavira Virou", "Mulher do Mato", "Sinhá Rendeira" e "três / poetas / uma / via / : / aldravia" (Poesias); "Ave Marias Cheias de Raça" (Contos); e "Histórias de Dona Menina" (Literatura infanto-juvenil). Organizou "A Glória Desta Morena", antologia de contos e crônicas de autores de MS. Possui publicações em várias antologias poéticas. Ganhadora de prêmios em concursos literários. É colunista do Jornal "O Estado de MS".

QUINTAS



* **Lucimara de Oliveira Calvis.** Conhecida por MARA CALVIS. Sul-mato-grossense. Campo-grandense, poetisa e escritora. Lançou 22 livros paradidáticos infantojuvenis. Poesias e contos poéticos em 10 coletâneas. Licenciada em Geografia pela UEMS. Tecnóloga em Marketing. Especialista em Docência em Educação Ambiental para Cidadania e Sustentabilidade. Mestra em Educação Profissional. É membro da União Brasileira de Escritores/MS desde 2011. É membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Mato Grosso do Sul, titular da cadeira 35. É membro da Academia Luso-brasileira de Artes e Poesias, ocupando a cadeira 84 tendo como patrono Monteiro Lobato. Há oito anos atua como consultora e educadora ambiental da Solurb, em Campo Grande, MS. www.maracalvis.com.br

QUINHENTISMO LITERÁRIO (1500-1601)

(Mara Calvis)

1

literatura brasileira
pertencimento nacional
prolongamento portuguesa
até independência
colonial

2

espírito aventureiro
quinhentismo traduziu
literatura documental
grandes navegações
Brasil

3

na europa
findou feudalismo
nasce burguesia
florescendo o
urbanismo

4

no brasil
recém-colonizado
jesuítas vieram
índio foi
catequizado

5

tendências literárias
duas preocupações
informar, descrever
enumerar riquezas
orientações

6

belezas naturais
Caminha escreveu
informar "descoberta"
literatura brasileira
nasceu

7

jesuítas escreveram
literatura, poesias
teatro, sermões
catequizaram por
analogias

8

padres jesuítas
intenção pedagógica
destacou-se Anchieta
usou didática
psicológica

9

relatos importantes
século dezesseis
início literário
do Brasil
conhecêsseis



TERCETOS

*enquanto o sol
estica o horizonte
eu ocaso*

TERCETOS NOTURNOS

(Diana Pilatti)

na minha noite aguda
te fiz estrela
verso cristalino e eternidade

na garupa da madrugada
carrego o tempo
e canções de ninar

sob a noite estrelada
caminhamos – e no teu olho-amor
espelho d'água

ausente
anoiteço
jazigo de estrelas

artesã – brinco ser sonho
e rendo-me
nas saias da noite

uma estrela
desprende-se do firmamento
sonho sem tempo

domingo à noite – oceano
nessa sua risada
molhada de lua

teu nome, Órion – saudade
na alcova da madrugada
conjuro estrelas



* **Diana Pilatti** é professora e poeta. Nasceu em Foz do Iguaçu/PR e reside em Campo Grande/MS desde os três anos de idade. Formada em Letras pela UCDB e Mestre em Estudos de Linguagens pela UFMS. Autora dos livros *Palavras Avulsas* (2019), *Palavras Póstumas* (2020) e coorganizadora da Mostra Poetrix (2020). Divulga poesia em seu blog pessoal dianapilatti.blogspot.com e nas redes sociais @dianapilatti.

***Tercetos noturnos** é um exercício poético, poemas curtos escritos para o mesmo tema, e fazem parte do próximo livro de Diana Pilatti: "Haicais e outros pomemímos", um flerte com a poesia minimalista.



PROSEIOS

O DIABO EMBAIXO DA ÁRVORE NUM DIA FRIO

(André Alvez)



Machado de Assis, o pilar da literatura nacional, disse: “Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor!” Mas acontece que estamos no inverno e faz um frio dos diabos lá fora. Sempre achei essa frase descabida: um ser do inferno como o diabo, não deve gostar do frio. O sopro louco dos ventos frios, se tem algo de bom, é aguçar a imaginação. Otto Lara Resende, certa vez, escreveu sobre o alívio de nunca ter sido apresentado ao diabo: “é que, assim como André Gide, depois de uma boa conversa, sofro a tentação de entender as razões do adversário”. Desconfio que também sofro desse mal.

Em tempos de frio, os olhos embaçados pelo nevoeiro, todos os seres são gatos pardos. Está tudo tão certo e calmo, o casaco, um copo de chocolate, a quietura do meu quarto.

Mas alguma coisa me chama até a janela e consigo ver: na esquina, duas árvores em meio à neblina, entre elas, caída ao chão, uma figura de traços humanos tremendo de frio. Eu devia voltar para debaixo das cobertas, ainda é muito cedo, o sábado mal começou, mas não existe sujeito mais curioso que escritor. Desço a escada, caminho firme e as palavras de André Gide se misturam a uma espécie de grito na minha cabeça: que escritor nunca quis conversar com o diabo?

Chego sem disfarçar, um sorriso falso na cara: Que nome devo chamá-lo? Tem tantos. Ele me olha, parece ler pensamentos, mesmo quieto, ouço a sua voz: “mania boba dos humanos dar vários nomes à mesma coisa, um rio é água que corre, o

mar é água que se levanta e todos os homens são filhos de Deus”. Balancei a cabeça, optei pelo mais usual: — Olá, senhor diabo. Ele me olha com olhos brilhantes, os lábios cortados pelo frio e a boca de sede. — Oi, como vai? Frio demais, não é mesmo? — Ah sim, detesto. Saudades do sol — E eu, das labaredas. — Mas existe inverno no inferno? — O inferno é aqui. — Entendi.

Silêncio. Não me chega assunto. Ele sorri. Anoto na mente os detalhes para escrever mais tarde: o diabo não tem chifres, nem rabo, de perto não é vermelho, é branco, olhos azuis, um furo no queixo, bastante alto, embora encolhido por causa do frio. Ele pousa o cotovelo no tronco da árvore, num sorriso sem fim, como se soubesse que eu estava analisando a sua aparência:

— Vocês escritores, bah! Cada um me vê de um jeito diferente.

Tarde demais para recuos, prossigo atento aos detalhes: O bigode fino, do tipo Dick Vigarista e a barba por fazer, a queda dos cabelos disfarçada num chapéu cinza das abas largas, enfiado até quase as grossas sobancelhas. Tremia, fazendo balançar o casaco de pele de raposa. Um desassossego me passou pela cabeça, eu não creio no diabo, por que diabo então ficar dando conversa para ele? Tentei sair de perto, voltar para casa, mas existia uma expressão de inquietante curiosidade no olhar do diabo. Será que ele também está me analisando friamente?

Ele gira o dedo no ar, se faz sério:

— Viu o que eles estão fazendo? Depois, a culpa será minha.

Pensei responder, mas ele faz com as mãos gestos de armas, uma quase ordem para que eu me calasse. Obedeci, quieto e atento ao desabafo do diabo.

— O ruim para mim é que o tempo não passa, os ponteiros do relógio estão sempre marcando quinze para as nove e o som que escuto é o mesmo turbilhão de lamentos. A bomba a explodir dentro da minha cabeça não cessa...

— Será que é correto sentir pena do diabo? Falei sem pensar. Ele largou os ombros após o suspiro:

— Sim, eu criei a fome, a miséria, o ódio. Mas o homem aperfeiçoou todos os meus inventos. Assenti com a cabeça.

— Tem um cigarro? – Me pediu, ameaçando tossir, a mão direita fechada se aproximando da boca. Cheiro de enxofre. Parei de fumar, mas na divagação da escrita, tenho sempre por perto uma carteira de cigarros, daqueles que solta fumaça com menta ao apertar uma bolinha no filtro.

Os olhos do diabo se tornaram sedentos. Acendi o cigarro, dei duas tragadas e passei para ele.

— Não fique com pena de mim, não pense que sou um pobre diabo – tossiu uma fumaça fina de cigarro – eu sou o mal que caminha. Embora os humanos tenham feito de tudo para me acompanhar, eu prossigo sendo o maldito, o inimigo, o capeta. Largou um suspiro, tragou o cigarro duas vezes seguidas. Reparei que seus olhos, de perto, possuem bordas amarelas. Baixou os olhos por instantes, mas logo se ergueu, numa voz de lamento:

— Eu escuto todas aquelas orações...

O dia nublado, os olhos do diabo também nublados e eu pensando no que se passaria pela cabeça da minha mãe, devota de Nossa Senhora Aparecida, se me visse ali, naquele dia frio, entre duas árvores, conversando e fumando um cigarro com o diabo.

Um pensamento me assomou: e se ele pedisse perdão? O diabo sorriu, armou no rosto o desdém daqueles que ouvem os pensamentos:

— Perdão é para quem peca. Eu inventei o pecado!

Pensei dizer algum consolo, os fantasmas de André Gide e Otto Lara Resende me cercando num abraço. O diabo balançou negativamente a cabeça e me calei, sem me importar com a fumaça de frio que engoliu os dois fantasmas. Ele fitou o céu e falou como se eu não estivesse perto:

— O que eu não daria por um pão com manteiga, um pingado bem quente e um minuto de silêncio? Quando penso no homem que deseja ser imortal, chego a sorrir. Recentemente, um humano retardado disse que eu inventei os Beatles. Os Beatles? Pode algo tão estúpido e descabido? E Beethoven, fui eu também? Então, se assim for, sou Deus.

Uma ligeira comoção me assomou, ergui os braços e tentei tocá-lo nos ombros. Ele me olhou enfezado, jogou com a ponta do dedo indicador a bituca do cigarro longe e sua voz era outra, forte, determinada, quase um trovão:

— Não se apegue a mim. Aleister Crowley tentou e se deu mal.

Sorriu ligeiro, depois bafou nas mãos o frio em forma de um jato de fumaça.



— Ultimamente me sinto um tanto ultrapassado, como um velho aposentado, dando milhos aos pombos, sem perceber que os pombos aprenderam a voar para longe tempos atrás. Não consigo pensar em outras maldades, sou como o compositor que já não consegue entender as cifras das canções.

Busquei palavras de consolo:

— Mas essas desgraças que se vê por aí... – O diabo não me permitiu concluir.

— É tudo ideia dos homens, coisas que lhes ensinei enquanto tocava saxofone e aprenderam rapidinho, entenderam perfeitamente o meu sopro, muitas vezes desafinado e construíram uma orquestra tão perfeita que dispensa a batuta do maestro. Sou um pobre diabo, vivo de pequenas artimanhas, meu passatempo predileto atualmente é perturbar os poetas, chego perto e sugiro num sussurro: borboleta. E o poeta começa a pensar no casulo, na lagarta, na metamorfose e na cor das asas que dará à sua borboleta. Então dou um jeito de derrubar alguma coisa, faço o barulho de um inseto voando, desenho no ar uma conta a pagar, acendo o pavio da ira da vingança, o faço recordar do amargo pecado de outrem, daquele que não se consegue perdoar, lhe mostro o rosto distante de uma mulher, ou de um homem, lindos, perfeitos cuja conquista nunca ousou tentar e então o poeta titubeia. É hora de apertar a buzina de um carro, algo assim, e o poeta coça a cabeça, se esquece da luz brilhante do início do poema e começa tudo de novo, a borboleta já não terá asas e o casulo será uma casa de portas trancadas a trinco do lado de fora. O poeta insiste, ele precisa escrever, a febre lhe escorre pela testa, então vou lá e assopro uma

palavra sem graça, sem sentido: abajur. Então o poeta pensa numa mesa de lençol esticado, o beiral de uma cama, uma linda mulher, ou um lindo homem se aproximando... Novamente faço barulho, revivo o inseto voando num aterrador zumbido e ele não pensa em mais nada, vai dormir aborrecido, certo de ter perdido algo que estava entre os dedos, os mesmos dedos que esmagaram a linda borboleta com uma certa pancada de abajur.

Coço a cabeça, falo sem sentir:

— Hoje eu pensei algo assim... A lagarta saindo de um casulo, qual cor darei à borboleta, azul talvez, mas depois o celular tocou e esqueci tudo.

— O celular... Talvez seja a minha melhor invenção.

Meu rosto ameaçou um sorriso, ele se fez sério:

— Você é ingênuo, pensa que me vê, mas isso é coisa de escritor, vê o que ninguém mais enxerga, finge sentir dor, como disse aquele bardo português, mas na verdade, bem lá no fundo, não está vendo nada, sabe que não passo de um galho de árvore que o vento frio derrubou em meio a duas árvores frias.

E um sopro repentino e gelado envermelhou meu rosto. Esfreguei os olhos, girei os calcanhares e voltei para casa sem olhar para trás.

Um galho de árvore...

Quantos dias ainda teremos desses dias delirantes de frio?

Se eu acreditasse em alguma coisa, juraria que no último instante, pelos cantos dos olhos, vi um bodezinho campeiro correndo ladeira abaixo, assim que o vento gelado voltou a soprar.



André Alvez,

codinome de André Luiz Pereira Alves, é formado em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda pela UNISA-SP. Autor dos romances “No Pantanal não existe pinguim”, “O Santo de Cicatriz”, “Crônicas da Cidade”, “A Bruxa da Sapolândia” e recentemente, “O Olho Esquerdo”, contos. Foi presidente da UBE-MS.

MINHA OU NOSSA REALIDADE?

(Douglas Calvis)



Tire esta lupa de seus olhos. Assim como tratava Jean-Yves Leloup, a Teoria da Normose, ou melhor, a patologia da normalidade.

O que seria esta Normose? A tendência de sermos normais. Trazendo conosco um medo de fazer a diferença, de fazer diferente. Sair da normalidade. Na maioria das vezes são pessoas felizes, mesmo sendo pequenas. Esse sentimento nos leva a uma doença, uma patologia, e à perda de sentido na vida, muitas vezes, da depressão ao suicídio.

O ser humano, ao que parece, associa ser bem-sucedido com o excesso de trabalho, seria o correto? Não, não existe uma relação direta com o ganho material e a quantidade de trabalho. O esforço necessário é a disciplina e constância em ir até o fim do seu objetivo. O tempo muda, a paisagem também, contudo o objetivo deve continuar constante, como no matrimônio.

Isso é a normose, a normalidade. Ouvimos há tempos que devemos nos exaurir para sermos bem-sucedidos financeiramente. Contudo, mazelas em nossa mente ficarão expostas para doenças da psique humana.

A erudição do saber, a sabedoria é a base para tomar boas decisões, achar o equilíbrio entre nossos objetivos, família, vida, lazer, dentre outros. É importante para guiar nossas escolhas, que estas sejam feitas diariamente, sendo prudentes, e buscando a razão em nossas ações.

Tiremos a lupa da frente de nossos olhos, veremos o mundo de forma ampla e poderemos, assim, criar oportunidades que passam despercebidas. Alimentemos nosso espírito, bem como nosso intelecto. Retiremos de nós qualquer sentimento que não some para crescimento pessoal e das pessoas à nossa volta, ao lado oposto, retirando as que não queiram ver nosso sucesso. Simples.

Na vida, todos querem o prêmio. Mas o prêmio demanda tempo, e o tempo premia os sábios. Nossos arrependimentos nos assombram e nos impulsionam para baixo. Sigamos em frente. Sejam sábios, sendo realistas.

* **Douglas Calvis Crelis,**

acadêmico de Direito e Ciências Econômicas. Pesquisador do primeiro Laboratório de Ciências Criminais de Campo Grande/MS do IBCCRIM. Crônica premiada no "Prêmio Capivara e Difusão Literária".

Associado da União Brasileira de Escritores/MS e membro da Associação Internacional dos Poetas.

Artigos publicados no "International Center for Criminal Studies" ICCS. Coautor do livro, "Alfabeto Ecológico do Pantanal".

AFONSINHA E A PANDEMIA

(Glaucia Leite)



Afonsinha, com sete anos e sem os dentes da frente, chega com pressa à sede da UBE.

Empurra a porta e encontra um rapaz novo, mas com jeito de gente antiga.

Pequena e invisível atrás do balcão, tenta chamar atenção timidamente:

— Moço, moço!

O rapaz, com um livro na mão, ainda não havia percebido a presença da pequerrucha, tão absorto estava em suas questões linguísticas e afins.

Afonsinha então fala mais alto:

— Moooooço!

Surpreso, o rapaz abaixa o olhar e, então, visualiza a criança, ao que responde:

— Oi, desculpe, eu....

Afonsinha, já aborrecida, o interrompe perguntando:

— É você quem manda aqui?

Ele reflete um pouco antes de responder àquela estranha questão sobre mando e decide por informar simplesmente que, na realidade, era outra pessoa, ou melhor um grupo de pessoas.

Neste instante, Afonsinha espia por uma porta de vidro, e, apontando o dedinho indicador, questiona:

— São aqueles tios que mandam aqui? Referindo-se ao grupo de associados que naquele momento reunia-se um tanto distantes uns dos outros e usando máscaras!

Em desabalada carreira, não esperando a resposta, Afonsinha invade a sala onde ocorria a reunião e exclama convicta:

— Aquele moço ali disse que vocês mandam aqui, eu preciso de ajuda!

Atônitos com aquela presença peculiar, homens e mulheres olham-se um tanto perplexos.

Nisto Afonsinha esclarece:

— Sabe, eu cansei da pandemia, quero ver minha vovó e meu vovô, meus dindos, meus amiguinhos da escola e a minha profe!

Quando então um deles, de cabeça branca e voz morna de gente jovem e repleta de sabedoria, questiona a menina:

— Mas como poderemos te ajudar? Não somos médicos!

Então Afonsinha elucida:

— Eu sei que vocês não são médicos, são escritores, por isto estou aqui, só quero um final feliz!

* **Glaucia Silva Leite,**

natural de Londrina-PR, é advogada, graduada em Direito pela Universidade Estadual de Londrina-UEL; mestre em Direito pela Universidade de Marília. Integra como associada a União Brasileira de Escritores de Mato Grosso do Sul. Foi defensora pública em Mato Grosso do Sul. É autora da obra "O Cooperativismo como Instrumento Constitucional na Busca do Desenvolvimento Nacional", onde são abordados não apenas os aspectos jurídicos, mas também os aspectos históricos, sociais e econômicos acerca do instituto. Possui outras publicações em âmbito nacional e internacional.

DO ANALISTA DO CÓRREGO DO CAVALO – O MISTÉRIO DA BOLA BRANCA –

(Inivaldo Gisoato)



Olha, falando em chuva, eu nunca tinha visto uma como a que desabou na região do Córrego do Cavallo, onde eu morava antes de vir pra cá! Era um lugarejo com poucas casas, uma vendinha, alguns bolichos, uma pequena farmácia, uma igrejinha perto da praça e um campo de futebol. Num determinado ano choveu tanto no vilarejo, mas tanto, que até as casas já estavam encolhendo e as pessoas embolorando. Depois de quase três semanas de chuvas constantes, finalmente tivemos uma trégua e as pessoas começaram a sair das suas casas.

Foi quando alguns moradores ouviram vários gritos, emitidos pelo filho do Tônico Roxo, ele tentava avisar todos sobre uma coisa estranha que havia visto. Com os berros do garoto, todos nós corremos para lá. Qual foi o nosso espanto ao chegarmos ao local e vermos o garoto apontando para uma enorme bola branca afundada na copa de uma frondosa árvore que ficava atrás da venda do seu Zé Problema! Ficamos espantados com aquilo, cada um falava uma coisa, algumas pessoas mais curiosas subiram na árvore, cuidadosamente chegaram perto da bola branca e tocaram nela, disseram que era relativamente macia.

O Nelson Araponga disse que, pela sua experiência e conhecimentos, aquilo era um disco voador e, a qualquer momento, iria abrir uma portinhola e sairiam uns homens baixinhos e verdes; outros falavam que era um ovo de dinossauro que havia caído de outro planeta, para onde eles foram. As discussões continuavam intensas, quando perceberam a aproximação do filho do Tônico Roxo trazendo uma vara de bambu comprida e com a ponta em forma de espeto. Alguns cautelosos ralharam com o garoto; nesse instante o Mané Suvela se apresentou e disse que ajudaria o garoto.

Como a curiosidade é amiga do imprudente e sempre maior que o medo, valia a pena arriscar, assim, autorizaram que eles espetassem aquela coisa.

Todos se afastaram, o garoto, ajudado pelo Mané Suvela, com bastante sofreguidão, levantaram aquela enorme vara.

Depois, com determinação e força, empurraram-na em direção à misteriosa bola branca. Quando a vara a penetrou, ouviu-se um estrondo muito forte, foi um “cabruuum” demorado; o garoto e o Suvela foram atirados longe, diversas pessoas que estavam mais próximas também foram atiradas ao chão. Enfim a bola havia estourado!

Depois do susto e de se avaliar que ninguém havia se ferido gravemente, começou-se a especular sobre o ocorrido, e o que era aquilo, finalmente o senhor Eugênio da Farmácia solucionou o mistério, o que foi aceito por todos, conclui que a bola branca, na realidade, era um trovão que falhou e caiu sem estourar.

Nesse instante as pessoas que estavam no grupo ouvindo a história se entreolharam, o senhor Custódio olhou para o Vicente e perguntou:

— Compadre, isso não é invenção, não?

— O quê! Tá duvidando? Eu juro pela roça do meu falecido sogro, e que não chova nela por um ano, se for mentira!

* **Inivaldo Gisoato** –

nascido em Santa Albertina, SP, reside em Campo Grande há mais de trinta anos. Formado em Administração de Empresas e Letras, professor da rede estadual, Diretor Escolar por 29 anos nas Escolas Estaduais Scampini e Adventor Divino de Almeida; foi Presidente do CONDEC – Conselho dos Diretores do Estado por 03 mandatos.

A MULHER QUE ESCONDEU O FOGO

(Jaminho)



Num tempo sem tamanho e sem fim, os kadiwéus viviam vagando pelo Chaco Boreal atrás dos rebanhos de cervos e tocando borevis. Manteavam as carnes com facas de osso e pedra, punham-nas para desidratar ao sol em longos roletes, ditos cecinas. Foi nessa tribo – quando estavam acampados perto da montanha Nogená – que nasceu a linda Kalina Netaika, na verdade bisavó da bisavó da índia Lourença, entrevistada e amante do antropólogo Olem Ruiz. Mas vamos aos fatos... (senão ficaremos apenas arrodando o umbigo do ego dele).

Naqueles idos, os deuses ainda desciam da Lua para a Terra, e Goenohodi era ainda uma lembrança amarga entre o povo guaikuru que se lamentava e pedia mais favores ao deus Jaguarê, o jaguar que de tempos em tempos descia da Lua para assuntar e fiscalizar o povo filho do Carancho. Via o que comiam, como caçavam, pescavam – se dançavam e celebravam os deuses de forma correta. Se seguiam e respeitavam aos Nijienigis, sacerdotes sagrados e elo entre o povo e os deuses, espíritos...

O Jaguarê sentia que os kadiwéus não dominavam o segredo do fogo, porém algo lhe dizia que ainda não era a hora de revelar tal epifania e, sendo assim, sempre que por aqui descia, deixava o fogo lá no alto, bem guardado na Lua.

Foi então que numa dessas andanças aqui na Terra, veio o deus Jaguarê se encantar com os encantos da dionisíaca Kalina Netaika. Deveras formosa, silfidica, de pele cor de âmbar achocolatado, cabelos negros, finíssimos, sempre odorando a malva ou resina de casca de bálsamo; olhos de

corça assustadiça, mas de piscar sonolento e desprotegido... Foi demais até para um deus a visão daquela simples mortal. As descidas do divino se tornaram-se mais frequentes, a fiscalização menor, os interesses por outras tribos e localidades quase nulos...

Então, o sabido do Nijenigi dos kadiwéus tudo percebeu e orientou Netaika para conquistar os favores do deus. Esta se pôs mais bela e formosa: untou a pele acobreada com óleo de caroço de pequi, fez sugestivos e ingênuos rabiscos nos braços e rosto com nibadena, deu mais brilho aos cabelos com óleo de namacolli. E seguiu à risca os conselhos do feiticeiro Xavé, de não ceder senão na casa dos deuses, lá em cima, na Lua. Tantos foram os passeios, as conversas, os dizeres poéticos, alvoreceres e crepúsculos junto da inabalável Kalina, que o Jaguarê decidiu levá-la consigo para dar pleno saciar ao desejo de ambos. Foram.

Subiram no dorso dos alados cavalos, que era como se ia pra Lua. Lá chegando, prepararam um festim com bebidas de frutas, carne assada e deliciosos caldos, pois o deus Jaguarê tudo fez para bem agradar e enternecer sua adorada Kalina. Dançaram, comeram e beberam, depois se amaram com a fúria dos apaixonados. Esvaído em suas forças pelo prazeroso combate, Jaguarê adormeceu ao lado de sua Kalina Netaika e, quando despertou, viu contrariado que quase passava da hora de trazer de volta para sua tribo a fêmea de seus desejos. Cuidadoso, obrigou-a a ficar nua para observar se não havia roubado o segredo do fogo, mas não, nada parecia indicar que a inocente Netaika tivesse ludibriado os deuses...

Quando a noite chegou, o Jagaretê não pôde crer no que viu lá do alto! Os kadiwéus dançavam e cantavam em volta de uma fogueira repleta de espetos com carne de anta e cervo, bebiam às tantas o embriagador cauíim... Buliam seus maracás. Netaika havia escondido uma brasiinha nas entrepernas e furtara o fogo dos deuses!

Arrepentido e desolado, Jagaretê condenou todas as mulheres a sangrar, a cada ciclo lunar completo, o esconderijo da brasa que, dali por diante, teria um aspecto de pele queimada... Os deuses ainda proibiram o contato com os humanos e prenderam todos os cavalos com asas na Lua, deixando na Terra apenas os equinos de patas. Enraivecido pelo engano, Jagaretê rolou sobre o borralho da fogueira da qual Netaika pegara a brasiinha, rosando e uivando sua dor de deus decaído; por isso, o amarelo cor de mel de seu pelo tornou-se todo sarapintado de preto.

Até hoje, tempos depois que os deuses mandaram para cá o Jagaretê, os kadiwéus olham pra Lua e veem um cavalo com asas como o que levou Kalina para lá – de onde voltou com o fogo escondido – e por isso eles logo se afeiçoaram e amansaram os cavalos trazidos pra cá pelos brancos.



* **James Jorge Barbosa Flores** –

Jamino – é natural de Guia Lopes da Laguna MS, onde nasceu em 08 de janeiro de 1965, capricorniano com ascendente em aquário; escritor, professor e jornalista, pesquisador da história e cultura do Mato Grosso do Sul que transforma em relatos ficcionais, versando sobre os elementos culturais identitários e simbólicos do MS. Já publicou dois livros pela Editora Telha, outro pela Chiado Books. É membro da UBE-MS.

PRETÉRITO SEMPRE IMPERFEITO

(Paulo Cabral)



Conheci Abílio em 1965, no primeiro ano do clássico, no Instituto de Educação Fernão Dias Paes, cidade de São Paulo. Tínhamos dezesseis anos e já éramos trabalhadores em jornada integral. Por isso, estudávamos no período noturno, das 19:00h às 23:20h, com o mesmo programa e qualidade do curso matutino. Nessa época, a escola pública se caracterizava pela excelência. Ótimos mestres, jamais foram paternalistas conosco pelo fato de sermos trabalhadores também. Davam o máximo de si e, igualmente, exigiam desempenho correspondente. Explica-se assim porque 80% da nossa turma ingressaram na universidade, também pública, sem cursinho.

O Fernão foi mais que uma escola. Era o lugar de encontro onde nós, jovens sequiosos de conhecimento e por compreender tudo o que se passava (o golpe civil-militar tinha acontecido um ano antes), construímos a nossa visão de mundo, a partir de inúmeras descobertas celebradas com intensidade. Lembro-me de quando alguém trouxe o Soneto da Fidelidade. Discutíamos longamente sobre a natureza do amor, se platônico ou carnal. Intuíamos alternativa diferente daquela dada pela igreja católica e pela moral burguesa, preconizando laços indissolúveis; ela era incompatível com o que sentíamos. Aí, chega Vinícius e nos define o amor, “que seja infinito enquanto dure”. Tudo explicado, a ideia claramente organizada. Que felicidade!

Quando me deparei com Abílio, logo se estabeleceu entre nós uma forte identificação. Aliás, não só com ele, mas com toda a turma. Talvez porque para esse curso se dirigissem moças e rapazes meio inconformados com a ordem estabelecida. Parece que certa dose de rebeldia era um quesito necessá-

rio para bem se cursar o clássico. Éramos uma irmandade. Irrequietos, sonhávamos. Muitos escreviam bastante bem, Abílio inclusive. Na sua poesia intitulada “Noite”, de 66, ele dizia: “noite, tu és vidro e te quebras todos os dias pelas mãos da manhã”.

Iniciamos nossa militância no movimento secundarista participando de reuniões da Coezo – Confederação das Escolas da Zona Oeste de São Paulo. Desde o princípio recebemos uma orientação que permaneceu para sempre: “melhor um covarde vivo do que um herói morto”. Essas palavras ditas a um garoto são da maior importância para conter os arroubos próprios da idade. Outra recomendação era quanto ao rendimento escolar, no mínimo bom, para dar credibilidade à nossa voz. Assim, embora imaturos, atuávamos com grande senso de responsabilidade, tendo a clara noção de que não devíamos nos expor a riscos desnecessários.

Ao lado dos estudos e do trabalho, ainda nos propúnhamos a uma atividade política editando um jornalzinho chamado Noitícias, rodado em mimeógrafo a tinta. Em agosto de 66, conseguimos afastar o diretor do período noturno, depois de uma sindicância aberta porque ele, durante uma preleção, “xingou” um estudante de judeu. A colônia israelita era numerosa na escola e houve grande sensibilização das entidades judaicas. Sílvia, uma colega nossa, era sobrinha de Tatiana Berlinky e Júlio Gouveia, que abriram as portas da TV Tupi e dos Diários Associados. Demétrio Costa, outro colega, trabalhava na Rádio Bandeirantes, havia canais no Estadão, Jornal da Tarde e Diário Popular, de sorte que o fato repercutiu amplamente na mídia, permitindo nos livrar do dito diretor.

Em 67, no terceiro ano, os tempos já estavam mais bicudos. Todavia, o movimento cultural era intenso. Os festivais de música popular vinham, desde 65, trazendo sopros de renovação, revelando talentos que depois se firmaram como grandes artistas. O cinema brasileiro também apresentava experimentações instigantes, mas foi o teatro que fez as manifestações mais contundentes. Nessa época, houve montagens icônicas como Marat Sade, no Bela Vista; Os Pequenos Burgueses, Os Inimigos, O Rei da Vela, Galileu Galilei, no Oficina; Cemitério de Automóveis, O Balcão, Primeira Feira Paulista de Opinião, no Ruth Escobar; De Volta ao Lar, no Maria Della Costa; Arena Conta Zumbi, Arena Conta Tiradentes, no Arena. Todo esse movimento caminhava paralelo com a nossa formação escolar em uma relação dialética, fazendo que tivéssemos uma compreensão cada vez mais aguda da realidade.

No terceiro ano, os que optaram por francês como língua estrangeira, nos cotizávamos para comprar o Le Monde Hebdomadaire com a finalidade de nos apropriarmos de um registro mais contemporâneo da língua e para lermos as notícias sobre o Brasil, aqui censuradas.

Concluído o curso, mantivemos por muito tempo – e ainda hoje com alguns – estreito contato. A maioria permaneceu em São Paulo, dois foram para Paris. Abílio, Irineu de Almeida e eu nos matriculamos, em 1968 (o ano que não acabou), na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, para cursar Ciências Sociais. Fomos companheiros de república. Abílio, além de amigo, foi o irmão que não tive. Compartilhamos expectativas,

angústias, conquistas. Dividimos utopias, continuamos no movimento estudantil, nos dedicamos com afinco aos estudos, aquela tarefa política que nos foi ensinada desde o princípio para que nossa voz tivesse lastro.

Nesse mesmo ano, Abílio e eu participamos da diretoria do Centro Acadêmico XVI de Março e fomos eleitos delegados da faculdade para o XXX Congresso da UNE, em Ibiúna. Por conta de manobras do pessoal da Ação Popular que, em assembleia posterior à nossa eleição, atrelou o voto de Rio Claro às suas posições, abdicamos da delegação e, por isso, deixamos de ser presos naquele histórico congresso.

Quando se determinou que para o estudante integrar a direção de agremiações estudantis e representação discente em órgãos colegiados não poderia ter uma única dependência, a imensa maioria da militância ficou impedida de participar. Por este motivo, Abílio e eu atuamos, em diferentes instâncias, até o último ano da graduação.

Tínhamos liderança e éramos respeitados por estudantes, funcionários e professores. A par da atividade política e do trabalho, ele como revisor do jornal Diário do Rio Claro e eu dando aulas particulares de francês, investíamos fundo em nossa formação cursando, além das disciplinas obrigatórias, as optativas em número muito superior ao exigido. Por estar no interior, o curso não era tão visado quanto ao da USP, que foi totalmente desarticulado em 69. E os mestres eram de gabarito extraordinário, facultando a participação de estudantes em pesquisas e monitorias de ensino, uma rica experiência acadêmica.

A partir de 69, já sob o domínio do AI-5, a situação foi se complicando, tanto na sociedade quanto no interior da universidade, agora todas fortemente monitoradas, contando com agentes de segurança em cada sala de aula, disfarçados de estudantes, para vigiar todos. Clima pesado, porém, a juventude consegue dar leveza à vida. Buscávamos preencher todo o tempo com atividades em distintas frentes para driblar o cerceamento de nossa liberdade. Era uma estratégia de resistência. E assim foi até 73.

Em 71, chegaram os feriados da Semana Santa. Fomos de carona até São Paulo com Jeanne Berrance de Castro, nossa professora. Na quinta feira, por volta de 11:00h, Abílio e eu nos despedimos no cruzamento da Rua Maria Antônia com a Consolação, onde ele pegou o ônibus para Pinheiros, onde morava, e eu segui pela Caio Prado em direção à minha casa. Foi a última vez que nos vimos.

Sábado, 10 de abril de 1971. Desaparece, na cidade de Santos, Abílio Clemente Filho, quartanista de Ciências Sociais. Caçula de uma família negra, cuja prole era de nove filhos; foi o único a ter acesso ao nível universitário. Faltava uma semana para ele completar vinte e dois anos.

Seu temperamento introspectivo, assertivo, embora de poucas palavras, poderia sugerir tratar-se de uma eminência parda. Tenho essa impressão porque, a rigor, a nossa atividade política não justificaria seu desaparecimento. Quando aconteceu, vasculhamos todos os guardados, livros, vãos do telhado da república, buscando encontrar qualquer pista que o explicasse. Nenhum achado. Uma única menção em ficha do DOPS paulista, acessada anos depois, referia o registro de seu nome, sem qualquer outra anotação, em uma caderneta encontrada em um aparelho estourado pela polícia. Ela nada esclareceu.



Cinquenta anos se passaram e a mesma incerteza, a mesma dor corrosiva permanecem. O que terá acontecido? Que torturas terá sofrido? Como e onde foi eliminado? Que sepultura teve? Se é que teve. Por que tamanha atrocidade? Nem a Comissão da Verdade conseguiu apurar maiores indícios sobre o ocorrido, além de poucos depoimentos sobre a sua detenção.

Ao se negar a existência da Ditadura Militar no país, celebrar o “movimento de 1964”, enaltecer o AI-5, pedir “intervenção militar já”, desfere-se uma bofetada no rosto de quem viveu a opressão tenebrosa daqueles tristes anos. De todas as crueldades, o desaparecimento é, seguramente, a mais atroz. Você não tem certeza alguma; por um tempo, nutre a esperança do reencontro; se atormenta em um mar de dúvidas; razão e emoção não se conjunam; você é impedido de realizar seu luto. Pretérito sempre imperfeito; irresolvido, inacabado...

Dona Maria, a mãe de Abílio, recusou-se a admitir o pior. Ao tomar cada refeição perguntava “será que Bilinho está alimentado?”. Se caísse a temperatura, indagava “será que Bilinho está agasalhado?”. E sempre repetia como um mantra “onde ele estará?”. Sem respostas, sem qualquer certeza, com tanto sofrimento, suas forças foram minando. Enlouqueceu.

Por todo o horror que esse pedaço da nossa História encerra esta memória não pode esvanecer. Deve seguir viva como um alerta para as gerações presentes e futuras. Que Abílio Clemente Filho, irmão sempre pranteado, jamais seja esquecido.

* **Paulo Eduardo Cabral,**

paulista vivendo há 44 anos em Campo Grande, é sociólogo formado pela Unesp de Rio Claro-SP. Professor, lecionou em todos os graus de ensino, menos o fundamental. Possui textos publicados sobre a Constituição de 1824, e os seguintes livros: “Campo Grande, educação escolar indígena”, “História da UNAES”, “Nada é por acaso – a trajetória de uma educadora” e, recentemente, “MACE, 50 anos”. Foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico de MS.

NEM TUDO QUE PARECE SER, É

(Rosemari Gindri)



Há uns trinta anos, um universitário e motoqueiro, com a ousadia própria da juventude e comportamentos de um machista, tinha uma característica: sempre que uma mulher se dirigia a ele, sentia-se na obrigação de corresponder, como um conquistador barato.

Uma noite, dirigindo-se ao estacionamento da faculdade com a intenção de retornar à sua residência, viu uma jovem que sorria e fazia um sinal com a mão para que a acompanhasse. Olhando com mais atenção para ela, percebeu que usava um longo vestido branco e, sentindo um arrepio de medo, diferente do seu costumeiro comportamento, ignorou o convite. Essa cena se repetiu por diversas noites. Depois de alguns convites, o medo começara a diminuir e ele, ao sair da sala de aula já ansiava por ver a linda e risonha jovem. O que ela desejava, ele deduzia, mas um questionamento persistia: Por que eu?

Um detalhe que passaria despercebido à maioria dos homens, o deixava intrigado: Por que ela usa sempre o mesmo vestido?

Uma noite, movido pela curiosidade, foi até ela:

— Boa noite!

Sua voz delicada o surpreendeu:

— Boa noite!

— Eu a vejo sempre aqui. Você também estuda nessa faculdade?

— Não, não estudo mais. Venho para observar os jovens e sempre escolho algum para fazer uma proposta. Percebo que você é um conquistador, isso me atrai e por isso o escolhi.

Constatando o quanto ela era ousada, traço que não era comum nas moças da época, chegou mais perto, e um forte odor de flores envelhecidas

entrou pelas suas narinas, causando-lhe repugnância. Mas o desejo de se aventurar com uma mulher que fugia dos padrões, o fez propor:

— Vamos circular de moto pela cidade?

— Só aceito o convite se eu indicar o rumo. Pode ser?

Galanteador e curioso aceitou:

— Pode! Adoraria ter meu destino conduzido por uma linda mulher!

Seguindo a orientação dela, saíram do centro da cidade, e logo casas as foram ficando para trás. Pensando que ela estava procurando um local mais deserto para o primeiro encontro amoroso, ficou surpreso quando, passando em frente a um cemitério, ouviu:

— Pode entrar!

Surpreso e com muito medo, ele perguntou:

— Entrar nesse cemitério, à noite?

— Sim! Está com medo? Pensei que fosse um jovem corajoso!

Tremendo e percebendo que sua voz falhava, com algum esforço conseguiu dizer:

— Medo dos vivos eu não tenho, mas dos mortos...

Constatando que havia denunciado uma grande fraqueza, mas querendo manter a pose de valentão, ele continuou:

— Na verdade, não entenda isso como medo e sim como um profundo respeito pelos que não são mais desse mundo!

Dando uma gargalhada, ela perguntou:

— E quem lhe disse que não são? E afirmo que eles não serão incomodados.

— Sim, com certeza, não serão incomodados... isso eu sei...

— Então, ou namoramos aqui ou volte logo para sua casa!

— Deixando você aqui?

— Sim.

— Não, eu sou um cavalheiro, nunca deixaria uma dama em lugar deserto e perigoso.

— Estou acostumada com isso!

— Isso o quê?

— Andar nesse cemitério!

— Nossa, que passeios mórbidos você faz!

Irritada, ela perguntou:

— Vai aceitar ou não?

Querendo demonstrar uma coragem que não sentia, ele desceu da moto e a acompanhou, surpreso com sua coragem e desenvoltura. Como que para aumentar o clima de terror, nesta noite sopra um vento forte e balançava as folhas dos pés de eucaliptos que formavam uma pequena mata, logo após o muro baixo que cercava o terreno. Após o encontro amoroso, ele a deixou no estacionamento onde a havia encontrado inicialmente.

Esse foi o primeiro encontro de muitos que se seguiriam, sempre tendo por cenário o cemitério. Em um desses encontros, percebendo que não sabia nada sobre a jovem, disse-lhe:

— Gostaria de conhecê-la melhor!

— Para quê? Isso não é importante!

— Fale apenas o seu nome...

— Maria da Conceição Duarte.

— E você nasceu nessa cidade?

— Sim. Está querendo saber muito: chega de perguntas para o encanto permanecer.

Entendendo que “encanto”, para ela, deveria significar mistério, ele não fez mais perguntas.

Como esse tipo de relacionamento não tem vida longa, chegou o dia em que sua excêntrica parceira deixou de frequentar o estacionamento, e eles nunca mais se viram.

Jovem e conquistador, ele não ficou aborrecido com o término da relação. Por algum tempo, permaneceu apenas com a imagem de uma mulher que usava sempre o mesmo perfume, o mesmo vestido e tinha comportamentos mórbidos. Mas pensar nela ainda lhe provocava arrepios.

Alguns anos se passaram e, para sua infelicidade, um amigo de longa data faleceu em acidente de moto. Consternado, ele compareceu ao velório e ao enterro. Aventureiro e sempre sem dinheiro, esse homem não pensava no futuro e, para enterrá-lo, os amigos fizeram uma “vaquinha”.

Muito abalado, depois que o corpo do seu amigo foi colocado em uma cova do cemitério onde os desvalidos eram enterrados, e todos se retiraram, permaneceu no local pensando sobre a fragilidade da vida, e o quanto sentiria a falta do parceiro de muitas aventuras. De repente, sentiu que um odor familiar entrava pelas suas narinas e ele recordou-se da jovem que, muitas vezes o aguardava no estacionamento da faculdade. Sentiu vontade de rever o local onde os ardentes encontros amorosos aconteciam e dirigiu-se para entrada do cemitério. Acompanhado pelo perfume de flores envelhecidas, ele logo encontrou o túmulo coberto por uma camada de musgo que evidenciava abandono. Teve a curiosidade de ler o lápide do jazigo que tanto atraía sua jovem e ousada parceira:

Maria da Conceição Duarte. Saudades eternas.

Nascimento: 1924

+ Falecimento: 1943

Não acreditando no que lia, ele procurou alguma foto e encontrou a imagem desbotada da jovem que ele conhecera intimamente: os mesmos cabelos longos e a roupa branca que ela sempre usava reforçavam a imagem que permanecera na sua memória.

* **Rosemari Gindri**

é psicóloga formada pela FUCMT, atual UCDB. Associada da UBE desde 2012, tem os seguintes livros publicados: os romances “Bela Adormecida, Mulher Adormecida”, “Morte Vida e Sonhos”, “Assim era no princípio” e “A Vida Continua”. Na área infantil publicou “As Crianças e a Renovação da Terra”, “O Dia em que os Animais Venceram” e “Cativo Nunca Mais”.

O MURO

(Samuel Medeiros)



O garoto foi levado pelo seu irmão para outra cidade onde deveria estudar e ficou hospedado na casa de pessoas que só foi conhecer quando lá chegou. Assim, era tratado com indiferença, talvez por não serem seus parentes, ou porque eles não gostassem de criança. Sentia-se discriminado e só na casa de estranhos.

Sexta-feira, dia de aula de educação física. Não gostava dos exercícios, ainda mais com os demais meninos, talvez uma timidez excessiva, achando que sempre os outros eram melhores. Ultimamente as coisas se tornavam um tanto piores porque achava ridículo o calção que lhe deram para a ginástica: folgado e de um azul indefinido. Mas, já que a escola fazia divisa com os fundos de sua casa, com a contrariedade costumeira, pulou o muro, e logo estava na quadra de esportes, pelo menos não se exibiria na rua. Lá notou alguns alunos cochichando nos cantos e não viu o professor. Aproximou-se de um deles, que tinha como melhor amigo e indagou por que o professor não estava; este respondeu com um encolher de ombros, mas ouvira dizer que ele se achava encrencado. Ignorava o porquê da encrenca. Alguém da diretoria avisou que estavam dispensados, não haveria aula. Contente, pulou de volta o muro, trocou o grotesco calção com sua habitual bermuda e voltou desta vez pela rua, para sentir algum movimento. Combinou com seu amigo para, juntos, pesquisarem o que teria acontecido com o professor, do qual só sabiam que morava só numa casa atrás da estação ferroviária, e fazia as refeições na pensão do anão, também ali perto, a Pensão Vitória. Conheciam o local e todos de lá. Aliás, a mulher do anão, razoavelmente jovem, e

que de anã não tinha nada, de vez em quando era vista assistindo às aulas de educação física.

Foram até à pensão, uma casa enorme com diversos quartos. Verificaram de longe um burburinho, só adultos; como estava situada num terreno que dava pra rua detrás, entraram por lá e perguntaram a um rapaz o que estaria acontecendo. Este, surpreso, os enxotou: que fazem aqui? Chispem! Aqui não é lugar para crianças...

Voltaram na certeza de que, realmente os adultos não levam a sério os menores. Nisto viram um menino que conheciam, não era do colégio, saindo com um papel nas mãos. Era um mensageiro levando um bilhete para alguém. Seguiram-no, até este bater na porta da casa do médico e entregar um papel, com certeza um recado. Na volta, o interceptaram para saber o que dizia a mensagem. Este disse que não sabia ler, e nem que soubesse ia lhes contar o que havia acontecido. Mais uma humilhação e ainda mais partindo de um menino da idade deles, um seu igual. Voltaram à rua da pensão e viram uma ambulância, o médico e a polícia chegando, e um amontoado de gente. Mas, de novo, nada puderam apurar e um homem, apenas os vendo, mandou-os embora. Voltaram cada um para sua casa cabisbaixos.



Duas semanas depois, o garoto, já com mais confiança, aclimatado com a casa onde morava, e dentro de um novo short que seu irmão lhe trouxe, voltou para a aula de educação física, agora com novo professor. Perguntou a este o que teria acontecido com o antigo mestre. O atual riu debochado: ele se encrencou totalmente. E por que? Inda-

gou o menino. Não podia dizer; aquilo não era assunto para crianças. E encerrou o assunto. Dias depois, ele e seu amigo entreouviram uma conversa entre professores; além da palavra “encrenca”, só retiveram uma informação vaga e imprecisa, sem alcance para suas infâncias: “a mulher do anão havia pulado o muro”.



* **Samuel Medeiros**

é advogado. Publicou os seguintes livros: Memórias de Jardim, em 2002; Senhorinha Barbosa Lopes – Uma História da Resistência Feminina na Guerra do Paraguai – 1ª edição em 2007, 2ª edição em 2012 e 3ª edição em 2018; Contos a Gotas, 2012, Contos Quase Causos, em 2017, Informações (i) Relevantes em 2017 e Cartas de Além-Mar em 2019. Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de MS. Foi presidente da UBE-MS por cinco mandatos. Vice-presidente da UBE-MS.

O CASARÃO

(Thais Martins)



A campamento armado às margens do Córrego Jaboti, Bernardo Baís não conseguiu dormir. Barulho das águas bufando, chuva, relâmpagos. Barriga vazia, nem fogo conseguiram acender.

Na madrugada, ele e seu companheiro retomaram viagem até chegarem à fazenda de Manuel Joaquim de Carvalho, em Coxim. Lá, “foram bem recebidos e acomodados no galpão. Uma escrava serviu-lhes mate, deu-lhes boas-vindas em nome do patrão [...]. Dona Joaquina, esposa de Manuel, mandou [...] sua escrava [...] lavar as roupas [...] que viu secando ao sol”¹. Nessa ocasião Bernardo conheceu as filhas de Dona Joaquina. Eram crian-

ças. Encantou-se com essa família. Desejou construir uma parecida.

Dez anos depois voltou àquela fazenda. Reencontrou as filhas de Manuel crescidas, já adolescentes. Enamorou-se de uma delas: Amélia Alexandrina.

Amélia² lhe foi dada em noivado aos doze anos. Contam na família que nessa ocasião, ele a presenteou com uma boneca. E ela gostou tanto, que mesmo depois de casada, sendo criança ainda, brincava de boneca embaixo da mesa, escondida por longa toalha que ia até o chão.

Casaram-se por volta de 1890. Ela tinha 15, ele 29 anos.

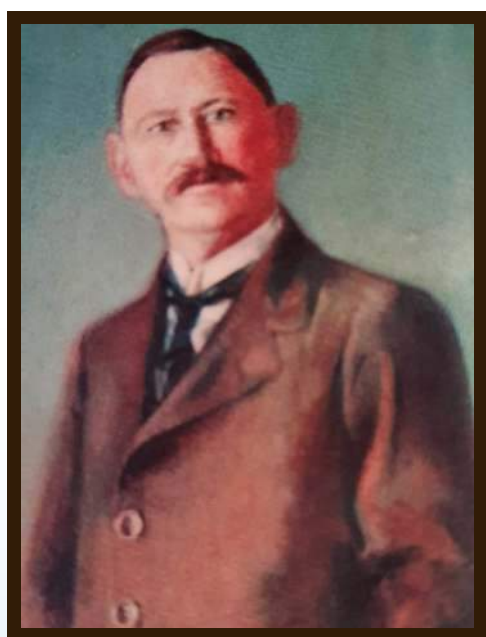


Foto 1 - Bernardo Baís



Foto 2 - Amélia Alexandrina

⁽¹⁾ Nelly Martins. *Duas vidas*. 2a ed. Campo Grande, MS: Funesp, 2003: pp. 25 e 26.

⁽²⁾ Maura Barbosa de Oliveira. *Relato*, 2019.

Logo após o casamento³ Amélia acompanhava Bernardo a Assunção, no Paraguai, onde ele ia, em comitiva, comprar mercadorias para sua casa de comércio. [...]. A comitiva era completa, boiada, peões puxando os cavalos de seus patrões e de seus filhos pequenos, carretas carregadas, um carro de boi coberto, mantimentos, cozinheiros com suas tralhas, dizem que até caixas com cheiros-verdes plantados [...]. Depois que Amélia tornou-se adulta, e com muitos filhos, permanecia em Campo Grande.

Bernardo Franco Baís era italiano nascido em Luca, na Toscana em 1861. Veio para o Brasil em 1876. Chegou a Campinas, São Paulo, aos 15 anos de idade, junto com um tio que o criou, pois era órfão. O tio, que viera atender questões de família, retornou à Itália. Bernardo permaneceu no Brasil.

Mudou-se para Mato Grosso em 1879, aos 18 anos de idade. Paulo Coelho Machado faz o seguinte relato. Instalou-se em Campo Grande [...] “o italiano Bernardo Franco Baís, comerciante de espírito brando, melífluo como um franciscano, mas inteligente e atilado, que vencida pela discrição e sagacidade [...]”⁴. Cortava com seu carro de bois a região sulina, trazendo mercadorias do Paraguai.

Abriu na Rua 26 de Agosto a Casa Comercial Baís e Carvalho, em sociedade com Manuel Joaquim de Carvalho”, seu sogro.

Em 1889 foi indicado e assumiu as funções de Juiz de Paz. Baís gostava da atividade, contam que ele tocava flauta nos casamentos que oficiava.

Com frequência, Bernardo⁵ percorria os arredores de Campo Grande e a região da Vacaria mascateando. Comprava e vendia mercadorias usando o gado como moeda de troca. Mascateava também gado, fazendas e terrenos. Ia para o Paraguai levando carretas carregadas de produtos da terra: fubá, farinha, polvilho, peles e couros curtidos, juntamente com uma boiada, e voltava trazendo tecidos, sal, ferragens, armarinhos.

Nessa viagem percorria uma distância de aproximadamente 1.530 km (indriver www.adistancia-entre.com), ida e volta entre Campo Grande e Assunção. Pesquisas realizadas por Rogério Lemes⁶ e Célia Aparecida Zanetti⁷ indicam que uma comitiva percorre entre 10 e 15 km por dia.

Muito trabalho e... Bernardo amealhou fortuna. Construiu⁸ sólido patrimônio, e tornou-se um dos poderosos da época. “Respeitado e capaz, muito influenciou nos destinos de Campo Grande.”



³ Nelly Martins. *Duas vidas*. 2a ed. Campo Grande, MS: Funcesp, 2003: p. 31.

⁴ Paulo Coelho Machado. *Pelas ruas de Campo Grande*: v. I, *A rua velha*. Campo Grande, MS: 1990.

⁵ Nelly Martins. *Duas vidas*. 2a ed. Campo Grande, MS: Funcesp, 2003: pp. 30 e 31.

⁶ Célia Aparecida Zanetti – bióloga, sócia proprietária da Fazenda Santa Bianca, *Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais de Campo Grande*, 2021.

⁷ Rogério Fernandes Lemes – Editor-Chefe da *Biblio Editora* e do Periódico Literário *Jornal da Biblio*, Dourados, MS, 2021.

⁸ Fernanda Reis. *Lídia Baís: Arte, Vida e Metamorfose*. Dourados, MS: UFGD, 2017. pp. 27 e 28.



Foto 3 – Vista frontal do Casarão

Bernardo e Amélia tiveram oito filhos: Júlio, Orpheu, Bernardo, Amélio, Ida, Celina, Aydano e Lídia, famosa pintora. O casal viveu um amor peculiar, querer bem recíproco, fartura, viagens, casarão de filme, fazendas, filhos educados no exterior.

Entre 1914 e 1918⁹ Bernardo construiu o Casarão, na esquina da Avenida Afonso Pena com a Rua

Anhanduí, onde morou com a família. O imóvel foi tombado em 1986 e restaurado. Hoje é a “Morada dos Baís”, Centro Cultural do município.

Lídia Baís, filha de Bernardo, pintou significativas obras de arte. Algumas nas paredes do Casarão.



Foto 4 – Tela de Lídia Baís. Sala das paixões.

⁹ Nelly Martins. *Duas vidas*. 2a ed. Campo Grande, MS: Funcesp, 2003: pp. 40 e 41.



Foto 5 – Tela de Lídia Baís. Alegoria profética.

Em frente ao casarão, passava a Maria Fumaça apitando e soltando fogo. Bernardo e família gostavam de assistir a passagem da Maria Fumaça. “[...] Quando isso se dava ao anoitecer era um encantamento. [...] O apito triste e prolongado era um aviso para que todos viessem admirá-la”.¹⁰

Bernardo viajava muito a trabalho, em seu comércio de importação de mercadorias do Paraguai e da Europa. Seus negócios se estenderam a Corumbá, onde ele e sócios compraram um pequeno navio para transportar mercadorias e materiais de construção para sede do empreendimento.¹¹

Formaram uma das maiores empresas importadoras e exportadoras da época, que chegou a ter frota de três rebocadores, nove chatas e um navio.¹² Construíram casarão luxuoso, à beira do Rio Paraguai, para instalar a Casa Baís & Wanderley.¹³

Na família, contavam que, nas viagens para o exterior, ele carregava consigo uma mala preta cheia de libras, marcos e cheques. Os filhos acreditavam que ele tivesse muito dinheiro depositado em bancos em Buenos Aires e na Europa. A mala desapareceu quando de sua morte. Dinheiro e propriedades fora do Brasil foram perdidos por falta de informações.

¹⁰ Nelly Martins. *Duas vidas*. 2a ed. Campo Grande, MS: Funesp, 2003: pp. 53 e 54.

¹¹ Nelly Martins. *Duas vidas*. 2a ed. Campo Grande, MS: Funesp, 2003: p. 33.

¹² Nelly Martins. *Duas vidas*. 2a ed. Campo Grande, MS: Funesp, 2003: pp. 33 e 34.

¹³ Nelly Martins. *Duas vidas*. 2a ed. Campo Grande, MS: Funesp, 2003: pp. 33 e 34.

A morte de Bernardo, aos 77 anos de idade, é relatada por sua neta Nelly Martins:

“[...] Já um tanto surdo, absorto no seu mundo interior, na manhã de 19 de Agosto de 1938, ele deixava sua casa e subia em direção à casa dos filhos. Na altura da Rua 15 de Novembro, atravessava os trilhos da Noroeste quando foi colhido pela

locomotiva que seguia para São Paulo. Ele na sua surdez, distração e insegurança, se chegou a ver e sentir o perigo que o ameaçava, não conseguiu mais sair dele [...]. Assim morreu meu avô, abatido pela Maria Fumaça, que tanto amou.”¹⁴



Thaís Martins, socióloga e doutora em Ciências Sociais. Premiada no concurso UFSCar, SP. Publicou: 1. *Memórias salpicadas de esquecimento*, UFSCar, 2006; 2. *A mulher que pisa sobre o mundo quebra correntes esmaga a serpente*, Coletânea Komedi, SP, 2007; 3. *Memórias da chuva*, MS, Life Ed., MS 2018. Escrevendo *Memórias de Amor, sobre seus antepassados*.

Fontes Imagens: Foto 1 – Nelly Martins. *Duas vidas*. 2a ed. Campo Grande, MS: Funesp, 2003; Foto 2 – Acervo fotográfico de Thaís Martins, 2021; Foto 3: pt.m.wikipedia.org. Autor: Alexanderps (declarada pelo autor como Domínio Público em 21 de Março de 2007), Campo Grande, MS; Foto 4 – Acervo de Thaís Martins (Foto de Simone Castro), Campinas, 2021; Foto 5 – Acervo do Marco (Foto de Nelly Martins), Campo Grande, 2003.

¹⁴ Nelly Martins. *Duas vidas*. 2a ed. Campo Grande, MS: Funesp, 2003: pp. 55 e 56.



**LUMINARES
FILOSÓFICOS**

(reflexões sobre a existência humana)

A METAFÍSICA NA FILOSOFIA DA NATUREZA

(Landes Pereira)

Quando a solidão chega, as pessoas iniciam os questionamentos em busca de “verdades” que expliquem o que há por trás das concepções filosóficas dominantes. Nem sempre encontram respostas satisfatórias, surgindo, então, as descrenças, o negativismo e a depressão. As causas, geralmente, são conceituações dogmáticas assentadas em fé não raciocinada devido ao desconhecimento da metafísica. Tal fato, frustrante, não permite a expansão apropriada da mente.

Os poetas e os escritores são influenciados por suas crenças, e descrenças, em sínteses incompletas e fragmentadas de “visão de mundo”. O físico Werner Heisenberg, um dos fundadores da mecânica quântica, considerava a metafísica em suas análises das cosmovisões do Oriente como sendo esclarecedora. Ele, assim como Albert Einstein, dava muita atenção às intuições, inspirações e sonhos.

Metafísica é um processo que transcende o espaço e o tempo, ultrapassando o racionalismo e a lógica positivista e/ou cartesiana. Por isso os filósofos provocam acirrados debates quando a definem, uma vez que o fazem a partir de suas próprias concepções, e não a partir de uma definição nominal onde todos possam se pôr de acordo. Régis Jolivet diz que *“A metafísica apresenta-se como uma ciência relativa ao que ultrapassa o domínio da física e, conseqüentemente, como uma ciência do imaterial, formalmente distinta da filosofia da natureza”*.

Para melhor compreensão faz-se necessário o uso de dois conceitos: esotérico - processo usado para a transmissão-recepção do conhecimento interno reservado a um grupo de adeptos de uma doutrina ou de um conhecimento científico ou filosófico; e exotérico - método utilizado para a divulgação do conhecimento ao grande público,

sem a preocupação de um aprofundamento conceitual.

Paulo de Tarso acentua a diferença entre ensinamentos exotéricos e esotéricos: *“Todavia falamos sabedoria entre os perfeitos: não porém a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que se aniquilam; (...) As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam”*.

Confúcio também aborda o tema: *“Não falar do Caminho a um homem susceptível de compreender é desperdiçar um homem. Falar do Caminho a um homem incapaz de compreender, é desperdiçar palavras. Reconhece-se o sábio porque não desperdiça nem homem nem palavras”*.

Para Buda *“não é bom que certas discussões sejam abertas àqueles que não possuem preparação alguma e que pensam fazer a obra de espíritos livres, negando, a esmo, tudo o que eles não compreendem no meio do que eles creem ter compreendido, sustentando os seus erros, causando com isso um distúrbio maior do que se eles ignorassem”*.

Gottfried Wilhelm von Leibniz utilizava a palavra Teodicéia para designar um tratado que defendia a justiça divina contra os objetos tirados da existência do mal. Seu método de estudo se confunde com o método da metafísica geral, porque o objeto próprio não é Deus, mas a causa do ser. Aristóteles usava o termo Teologia e os Escolásticos chamavam de Teologia Natural à ciência de Deus obtida somente pelos recursos da razão natural.

Bhagwan Shree Rajneesh diz que todos os esforços para dominar o conhecimento têm sempre uma comunhão com os *“mundos desconhecidos”*. A física quântica, por outros raciocínios, e por

experiências que estão além da lógica tradicional, chegou à mesma conclusão. Fritjof Capra, físico teórico, procura esclarecer essa relação: *“Como os místicos, os físicos passaram a lidar com experiências não-sensoriais da realidade e, também como eles, tiveram de enfrentar os aspectos paradoxais dessas experiências. A partir desse momento, os modelos e as imagens da física moderna tornaram-se vinculados aos da filosofia oriental”*.

A obra de Fo-Hi está compilada em três tratados, dos quais dois se fragmentaram e se perderam. Restou para o mundo ocidental apenas o Yi-King composto de 64 hexagramas, onde se estudam as modalidades da criação. É uma obra hermética que encerra uma cosmogonia filosófica de oposição entre o princípio masculino e o princípio feminino, entre o céu e a terra, entre o bem e o mal, entre o Ying e o Yang.

Fritjof Capra, em *“O tao da física”*, faz um paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental: *“O racional e o intuitivo são modos complementares de funcionamento da mente humana. O pensamento racional é linear, concentrado, analítico. Pertence ao domínio do intelecto, cuja função é discriminar, medir e classificar. Assim, o conhecimento racional tende a ser fragmentado. O conhecimento intuitivo, por outro lado, baseia-se numa experiência direta, não-intelectual, da realidade, em decorrência de um estado ampliado de percepção consciente. Tende a ser sintetizador, holístico e não-linear. Daí ser evidente que o conhecimento racional é suscetível de gerar atividade egocêntrica, ou yang, ao passo que a sabedoria intuitiva constitui a base da atividade ecológica, ou yin.”*

O hinduísmo não possui uma doutrina clara. É uma mística que se compõe de uma intersecção de

valores, filosofias e crenças derivadas de diferentes culturas. Pressupõe que *“A magia toma um valor religioso quando, em lugar de ter os efeitos particulares de cura e de proteção, tem por objeto a existência em geral e fornece a força necessária para a conservação da vida”*.

O pensamento dominante do Budismo está na utilidade do sofrimento e na necessidade da renúncia. A causa do sofrimento estaria na sede de viver, na sede de prazer, na sede de poder. Buda destaca que *“onde está a personalidade, não pode estar a Verdade, e quando se pratica e conhece a Verdade, a personalidade desaparece”*.

O silêncio facilita a concentração, e a concentração é a base da educação do pensamento e da aquisição dos grandes poderes. É no silêncio que se pratica o recolhimento e se criam condições para que o espírito se torne mais livre para entrar em comunicação com o plano espiritual superior. O sábio deve saber concentrar-se e meditar no isolamento de si mesmo, esquecido da natureza exterior, das necessidades, dos impulsos e dos desejos.

Os egípcios acreditavam que o homem era um composto quádruplo: o corpo, um duplo do corpo, uma alma e uma essência vital. As massas populares eram politeístas e adoravam as forças da natureza, mas os Iniciados acreditavam em Amon-Ra (o verdadeiro Deus). Esotericamente a religião egípcia era monoteísta, manifestando-se esotericamente por um politeísmo simbólico.

Entre os gregos são encontrados três ciclos iniciáticos: os *Mistérios de Dionísio* (deus da vegetação e do vinho); a *Iniciação de Delfos* (anterior a Pitágoras); os *Mistérios de Elêusis* (onde Platão é a flor ofuscante) em honra à maternal Deméter.



Sócrates aprofunda as questões esotéricas e mostra o que os sábios praticam: *“não consulte os deuses nem os pássaros, não consulte nada e ninguém sobre aquilo que pudes saber por ti mesmo. Porque o que não pudes saber por ti mesmo, não te será de nenhuma utilidade”*, esclarecendo que é necessário ultrapassar as barreiras do espaço/tempo.

Os gauleses acreditavam na evolução da personalidade humana, e tal a certeza das vidas futuras que dividiam o universo em três círculos: *“o de Deus, morada da essência divina; o da felicidade, morada dos espíritos puros; e o das viagens, morada dos espíritos que estão se depurando”*. Viviam intensamente o momento presente porque sabiam prever a própria morte. Ensinavam que a alma, em sua peregrinação, percorre os três círculos que correspondem a três estados sucessivos: anoufn (jugo da matéria), abred (círculo de expiações e provas) e gwynfyd (círculo dos mundos venturosos).

Abraão teve dois filhos de duas mulheres: *Ismail*, filho de Hagar (serva de Sara), e *Isaac*, filho de Sara. Dois povos se formaram dessa descendência: os árabes - descendentes de Ismail; e os hebre-

us, *“o povo do lado de lá”*, (do lado de lá do rio Eufrates), descendentes de Isaac.

O judaísmo, o cristianismo e o islamismo, portanto, são procedentes do mesmo tronco da tradição Abraâmica. As três correntes de pensamento ensinam que só existem direitos na medida em que existem deveres.

O conhecimento secreto dos hebreus encontra-se na Kabbala (tradição) e só é conhecido pelos estudiosos e iniciados. Os cabalistas não divulgam seus conhecimentos secretos, mas publicaram algumas obras de cunho esotérico, que são interpretados esotericamente.

Jesus, segundo os cristãos, veio para aperfeiçoar a Lei de Moisés, primitivamente estabelecida. Ele trouxe ao mundo judeu uma ideia inteiramente nova que se relacionava à antiga concepção mosaica. Trouxe a letra que mata, o influxo do espírito que vivifica, as ideias renovadas de bondade, justiça, igualdade e fraternidade.

Paulo, judeu de nascimento esclarece: *“Nós não fazemos como Moisés que colocava um véu sobre o rosto, denotando, por isso, que os filhos de Israel não podiam suportar a luz”*. O pensamento de Moisés foi aperfeiçoado e transpôs as fronteiras de Israel.



Landes Pereira - Economista e professor universitário com doutorado; articulista do jornal O Estado de Mato Grosso do Sul.



KUAPIRÊ

Ô, DE CASA!



A associada e poeta Walesca Cassundé (à direita), em visita à Presidente da UBE/MS, Sylvia Cesco, para lhe entregar livros de autoria do escritor Eduardo Mahon, de Cuiabá/MT.



Samuel Medeiros, Vice-Presidente da UBE/MS (à esquerda) e Fábio do Vale, Diretor Cultural da UBE/MS (à direita) em visita a João César Mattogrosso, Secretário de Estado de Cidadania e Cultura (ao centro). Fábio do Vale recebeu os cumprimentos por sua obra "A voz e a resistência feminina na obra Senhorinha Barbosa Lopes de Samuel Medeiros" ter sido indicada à publicação na FLIP, e Samuel Medeiros reiterou pedidos de interesse à União Brasileira de Escritores de Mato Grosso do Sul.

LANÇAMENTOS DE LIVROS

III MOSTRA POETRIX



Aconteceu no dia 21 de março de 2021, Dia Internacional da Poesia, o lançamento da **III Mostra Poetrix: As quatro estações poéticas**, com participação de poetas de várias regiões do Brasil, além de convidados de Portugal, Argentina e Estados Unidos.

Sob a curadoria de Diana Pilatti (MS) e José de Castro (RN), a Mostra busca divulgar gratuitamente os escritores entusiastas do Poetrix (poema de temática livre, composto por três versos com trinta sílabas poéticas e título).

A edição contou com a participação de trinta e um autores, entre eles a poeta e contista belavistense Tânia Souza.

Para ler a obra completa, acesse o blog da III Mostra Poetrix 3mostrapoetrix.blogspot.com ou use o QRcode para acessar o PDF gratuitamente.



O PEQUENO MACEDÔNIO



Lançado também em março de 2021, o livro *O Pequeno Macedônio*, escrito por Henrique Komatsu e ilustrado por Fábio Quill, destina-se ao público infantil de 7 a 10 anos, e nos apresenta a história de um menino imigrante macedônio e seu encontro com outra criança não-imigrante que, além da barreira linguística, expõe sentimentos perturbadores que surgirão deste encontro.

Para baixar o livro, acesse o site linktr.ee/opequenomacedonio ou use o QRcode para acessar gratuitamente.



LANÇAMENTOS DE LIVROS

HÁ QUARENTA E SEIS PÉS



No dia 12 de abril de 2021, aconteceu o lançamento da Coletânea **Há Quarenta e Seis Pés**, organizada pelo poeta campo-grandense Febraro de Oliveira.

O livro, que chega até nós em formato digital, é resultado do curso virtual de criação literária **Abrindo brechas no cotidiano: deixar o poema fluir**, que aconteceu nos meses de fevereiro e março, e conta com a participação de 23 poetas de 20 estados brasileiros.

Use o QRcode para baixar o livro gratuitamente.



SONSNÊTOS EM LUA CHEIA



Autor do livro “Sonsnêtos em sol maior”, que já está em sua 2ª edição, o poeta Thiago Moura nos presenteia em 2021 com o livro **“Sonsnêtos em Lua Cheia”**. O livro, que possui diversas versões, é uma parceria com o Ismac (Instituto Sul-Mato-Grossense para Cegos). A versão impressa será destinada, pela SECTUR, às bibliotecas da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande/MS, as versões e-book e audiobook serão distribuídas gratuitamente pelo Ismac para o público cego e baixa visão residentes no MS, uma versão em braile também está em andamento.

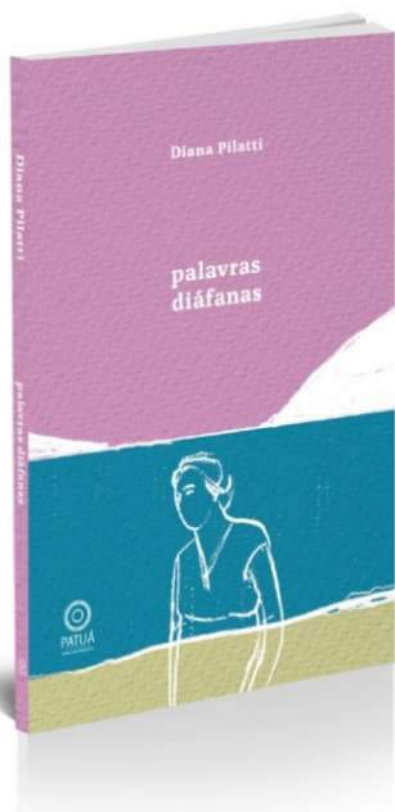
“Sonsnêtos em Lua Cheia” é um livro composto por 50 sonetos e foi custeado pela Lei Aldir Blanc - Secretaria de Cultura e Turismo de Campo Grande/MS (SECTUR).

É possível conferir a live de lançamento, que aconteceu no dia 23 de abril de 2021, no perfil do autor no Instagram @thiago_poesia.



LANÇAMENTOS DE LIVROS

PALAVRAS DIÁFANAS



Na última semana de maio, entrou na pré-venda, pela Editora Patuá, o livro **“Palavras Diáfanas”**, de Diana Pilatti.

Terceiro livro da poeta, que nos presentearia com versos de amor e, nas palavras de Tânia Souza:

“(...) a imensidão destes poemas não permite que tenhamos só um olhar. É também um livro sobre o tempo, o sonho, o feminino, o transcendente. Poemas envoltos no entre que habita o sagrado e o profano, o delírio e o devaneio. E sim, um livro sobre o amor. Amor carregado de luminosidade e transparências. Palavras que se encontram entre águas, relva e visgo; logo ao alcance das estrelas, tão belas e constantes nesta poética.”

Confira um poema do livro Palavras Diáfanas:

*a ideia congelada
rija
intacta*

*ecoa nas minhas paredes
e me lambe
molusca
e me lambe
insone*

*estática
corro os fios da memória
olhos ao nada
e tudo aqui dentro*

*neste meu caos
tão íntimo
tão louco-único
entristeço
ao pensar que possa mesmo ser mais um dos meus delírios
aceito
e com a loucura me aninho
bordando outras invenções fúcsias
no godê beato da minha realidade*

O livro está disponível no site da Editora Patuá (foque a câmera do celular no QRcode para abrir o link)



RESENHAS

MATO GROSSO DO SUL NA FLIP - O LIVRO DE FÁBIO DO VALE

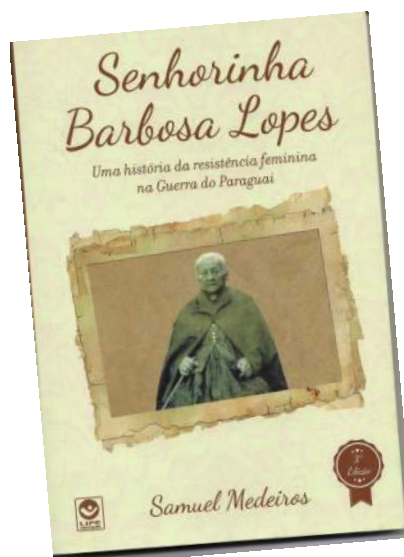
(Elias Borges)

Os trabalhos literários de autores sul-mato-grossenses não escapam de seu território; esta é uma premissa que tem nos acompanhado com raríssimas exceções, entre elas, Manoel de Barros que se tornou universal.

Mas nem tudo é pessimismo; recentemente, o escritor Fábio do Vale, membro da UBE-MS e também Diretor Cultural dessa instituição, enviou para publicação sua pesquisa em forma de livro, **“A voz e a resistência feminina na obra Senhorinha Barbosa Lopes de Samuel Medeiros”**. A Editora Oyá, de Porto Seguro, recebeu o trabalho, leu com a atenção devida e reconheceu sua relevância para qualificar a obra como Novo Romance Histórico que merecesse concorrer e ser prestigiada na FLIP, a Feira Literária Internacional de Paraty, na categoria Literatura Acadêmica. A Editora anunciou que o trabalho a ser publicado por ela foi selecionado para compor a lista destaque das obras de elevado potencial cultural da produção contemporânea acadêmico-brasileira. O livro será exposto por uma das agências literárias que compõe o *staff* da FLIP, a Casa Tyiwaras Tikunas.

A FLIP, em 2021, ainda não tem data a ser realizada. Normalmente é no mês de agosto, mas, ano passado, em razão da pandemia, foi realizada virtualmente no mês de dezembro tendo como uma das principais atrações a escritora Bernardine Evaristo e a brasileira Stephanie Borges. Este ano, talvez possa se realizar presencialmente obedecendo-se aos protocolos estabelecidos pelas autoridades sanitárias.

Mas, animado com a aprovação do livro de Fábio do Vale, Mato Grosso do Sul estará, sim, despontando no painel da literatura nacional. Mesmo porque a obra versa sobre o tema abordado por Samuel Medeiros, ex-presidente da UBE-MS, **“Senhorinha Barbosa Lopes – Uma história da Resistência Feminina na Guerra do Paraguai”**. É a história da mulher do Guia Lopes, o guia que levou as tropas brasileiras à desastrada aventura no país vizinho, que resultou na chamada **“Retirada da Laguna”**, narrada magistralmente pelo Visconde de Taunay, na obra do mesmo nome. Nessa retirada, José Francisco Lopes, o guia, teve atuação destacada, pois o mesmo era conhecedor profundo daqueles caminhos tortuosos inexistentes em qualquer mapa. Ele e sua mulher Senhorinha com os filhos moravam no lugar onde hoje é o município de Jardim.



O livro de Medeiros não destaca aspectos historiográficos já tratados nas dezenas de publicações de fundo técnico e histórico sobre a Guerra do Paraguai. É um romance que ilustra a involuntária participação feminina na Guerra. As mulheres que acompanhavam as tropas serviam como sustentáculo na economia doméstica mesmo sofrendo todas as dores da incerteza em lugares inóspitos.

Assim, a personagem Senhorinha é emblemática na sobrevivência num ambiente brutal e árduo, quando da ocupação de fronteiras. O livro fornece ao leitor elementos históricos, com abundante criação ficcional delineando a saga de Senhorinha como testemunha de um tempo. Originária de Minas (pesquisadores, como Nelson Werneck Sodré, mais tarde descobriram que nascera em São Paulo), ela se casou com Gabriel Lopes, em Paranaíba, por volta de 1846, e rumaram para as posses de terras na fronteira sudoeste da Província de Mato Grosso. Fundaram fazendas capturando o gado selvagem. Ele foi morto por escravos; um mês depois, os paraguaios, que constantemente desalojavam os brasileiros dessa larga e indefinida faixa de fronteira, apareceram, violaram a sepultura de Gabriel e levaram Senhorinha como prisioneira; resgatada por ações diplomáticas do Império, ela voltou e então se casou com o irmão de Gabriel, José Francisco Lopes, e prosseguiram nas posses em fazendas por ele criadas. Certa vez, quando José estava ausente, os paraguaios apareceram sob o comando do Capitão Ramos, destruíram as plantações, dispersaram o gado, e levaram novamente Senhorinha e filhos como prisioneiros. Quando José volta de sua viagem não a encontra. É quando as tropas brasileiras resolvem adentrar o território paraguaio até a localidade de Laguna, mas são surpreendidas pela superioridade das forças inimigas. Têm de recuar. Então José Francisco atua como guia nessa epopeia conhecida como Retirada da Laguna; as tropas, além de estarem frequentemente acoissadas pelos inimigos, são vítimas da mortandade provocada pelo surto do *cólera-morbus* em que morrem indiscriminadamente brasileiros e paraguaios. O guia também sucumbe.

Senhorinha permaneceu cinco anos prisioneira no Paraguai. Com o término da Guerra, em 1870, é repatriada junto com outros brasileiros. Não mais encontra o marido e as propriedades destruídas.

É aí que aparece o caráter da mulher que vence as adversidades e, mesmo analfabeta, transforma-se numa mulher de negócios, conquista seu espaço reconstruindo tudo que perdera, criando seus filhos à custa de sacrifícios. É considerada a matriarca da família Barbosa colonizadora do atual Estado de Mato Grosso do Sul.

Fábio do Vale reúne esses elementos para apañhar os ganchos que fortalecem a personagem, trabalhando a ressignificação dos acontecimentos, valorizando a mulher como partícipe da ocupação da fronteira. Essa mulher aparece no cenário nacional, pelo livro de Samuel Medeiros, no processo de desmitificação do chamado “sexo frágil”. E com esses dados que Fábio do Vale valorizou o novo romance histórico, que descobre valores humanos, e assim o define no prólogo: “Os processos metodológicos utilizados neste trabalho foram direcionados pela linha analítica de Literatura e História que perpassam pelo cenário da obra e também corroboram a tomada crítica para se classificar ou reconhecer um novo romance histórico”.

A Editora Oyá reconheceu os méritos do trabalho, originalmente nascido como dissertação de mestrado (UEMS), para concorrer e ser prestigiado na FLIP com o apoio da Casa Tyiwaras Tikunas. Isso não conecta só seu autor e o de Senhorinha à visibilidade que merecem, mas nosso Estado.



* **Elias Borges de Campos**, nome artístico Elias Borges, é poeta e escritor. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em 2008. Foi presidente da UBE-MS (União Brasileira de Escritores de Mato Grosso do Sul) de 2006 a 2008. É autor dos seguintes livros: FOTOGRAFIAS (poemas), editado pela Editora da UFMS em 2007; e LIPOASPIRADOS (minicontos) editado em 2012 com recursos do FIC-MS. Ministrou oficinas literárias nos projetos SESC “A Arte da Palavra” no Rio de Janeiro e no Espírito Santo.



O OLHO ESQUERDO

ALVEZ, André. São Paulo: Editora Patuá, 2020, 230 p.

(Lucilene Machado)

Com o título de *O olho esquerdo*, André Alvez lança seu primeiro livro de contos. São 15 textos que se revestem de um estilo caracterizado, antes de tudo, pela sensibilidade e clareza, o que pode cativar tanto o leitor comum como o especialista. Mas não são contos comuns, cada um deles apresenta um olhar de soslaio, cravado de questões a nos inquirir, quer seja pela estranheza, quer seja pelos jogos assimétricos imprevisíveis, com o desvio inesperado do fluxo da palavra. O conto “Em frente ao portão”, que abre o livro, inicia o exercício de apanhar com os olhos as incertezas e colocar o pensamento em movimento: “Tio Lourenço e minha avó trocavam olhares rápidos, driblando o vento, como uma folha despencando da árvore” ou do olhar desesperado da personagem mirim ao se deparar com uma imagem pintada na parede da igreja: “a imagem de São Sebastião ensanguentado, crivado de flechas, os olhos ainda abertos, numa agonia sem fim. Por que Deus deixou aquilo acontecer?”, Alvez vai plantando interrogações no decorrer das narrativas como um pré-aviso de que as vozes do texto vão avançar, e avançam. Em “Tatuagem” temos de lidar com o preço da liberdade quando o olhar da personagem se prende às asas de uma borboleta para encontrar o livre-arbítrio de ser e existir. A este se juntam outros con-

tos extemporâneos, chegando alguns a cruzar a linha da delimitação genérica do fantástico em conexão com a sociedade, como soam ser os contos surreais. Em “Precisamos matar uma tartaruga” embarcamos numa viagem marítima, porque viver não é mais preciso, navegar sim. E, a aventura é literária: Arthur Pym, Richard Parker, Edgar Alan vão desafiar os ventos dos oceanos até os olhos criarem a própria ficção: “Vi com esses meus olhos cansados o capitão Edgar Alan surgir do mar, completamente vestido de negro, os cabelos secos como se estivesse sentado à mesa de um restaurante, riscando freneticamente, sem nos encarar, as páginas secas da caderneta aberta entre as mãos”. O autor descreve quase exaustivamente a representação plástica de um quadro indesejável, esgotante, mas que representa a realidade perigosa de se atrever, com olhos nus, cruzar o limite do que é concreto.

André Alvez acrescenta ao conto sul-mato-grossense, excessivamente imanentista, uma privilegiada instância interpretativa dos elementos que compõem o espaço ficcional e metaficcional, deixando transbordar o encantamento e ousadamente nos provocar com uma questão imposta por uma tartaruga: “Que brilho estranho é este nos seus olhos?”.

É o brilho de quem passeia por uma coleção de imagens afetivas, às vezes translúcidas, outras embaçadas, mas sempre reivindicando o primado do sonho, do desejo, dos fantasmas íntimos entremeados nas coisas singelas do cotidiano. As personagens desta obra são sempre caracterizadas pelo olhar. O olhar lamentoso em *“Os telhados secos do vilarejo: A mãe, uma jovem senhora repleta de belos atributos físicos, era uma costureira de mão cheia, fazia com esmero os vestidos da filha. Às vezes perdia o olhar lamentoso entre os vãos dos telhados da casa, sempre secos, pois há muito não chovia”*; o olhar atento em *“A moeda do tempo”*: *“Na esquina da praça, enquanto eu dava milho aos pombos, surgiu um mendigo vestido num smoking surrado. Seu rosto, embora moreno, me lembrou Edgar Alan Poe. Ele me olhou atentamente, depois seguiu até o centro da praça e abriu os braços, evocando o vento com as mãos, enquanto discursava numa linguagem estranha”*. Também o olhar aliviado em *“O homem que só tinha nariz”*: *“Quando a mata do Parque dos Poderes surgiu em seus olhos, soltou um longo suspiro de alívio sabendo que em pouco tempo tudo estaria decidido”*; ou os olhos fechados de *“Semolina Pilchard”*: *“Ah, minha querida, quem foi que fechou os seus olhos?”* Em suma, e à guisa de advertência, é preciso dizer que cada um desses olhares tem uma maneira silente de se expressar, sempre encerrando uma forma do não dizer enquanto olha, de se inscrever e silenciar ao mesmo tempo: *“Os grandes olhos arregalados calaram a voz, restando apenas o nervosismo”* – em *“Se o mundo não acabar”*.

No entanto, em *“O olho esquerdo”*, conto homônimo ao título, se dá a catarse de todas as narrativas, a linguagem experimenta uma soberania que cobra do olhar um valor, por si mesmo, tendo como finalidade o ensimesmar-se, refletir-se dentro da obra. A literatura não é mais que sua própria indagação. No espelho do tempo, uma terceira margem do rio surge com os seus fantasmas, como uma prestação de contas: *“A canoa ia e vinha, feito um convite. Quando é que isso termina? Desconheço o fim, mas sou apegado ao começo.”* A afirmação literária vinda do passado se engendra na negação reafirmando a literariedade do texto. O não-dizer, o não dar respostas é próprio da literatura, nela está contido, paradoxalmente, esse conteúdo vazio, essa ausência. O objetivo do escritor passa a ser o de levar a linguagem onde nada se revela. É

nesse experimento que a personagem filho recorre à memória para narrar a morte da mãe dentro dos conceitos de beleza que lhe é peculiar, estabelecendo um diálogo franco com Guimarães Rosa, com *Meu tio iauaretê*, o sertanejo, a onça, a morte. A recordação exposta pelo contista, na pessoa do narrador, está composta pela natureza, seus mistérios, por suas leituras e por aquilo que o homem constrói com as próprias mãos, especialmente a casa: *“Eu e o clarão do sol a encontrávamos ali encolhida, na beira da cama, a camisa do tio Mário pregada nas mãos trêmulas, enxugando o choro vicioso de sempre, o olho esquerdo tremendo, à escuta dos canários lá de fora”*. A casa que ronda todas as histórias e pode ser vista como metáfora da vida, do tempo, do amor e da solidão.

Para finalizar, pode-se dizer que o livro de André Alvez se consolida numa expressiva vocação para o simbolismo, sobretudo nas construções sinestésicas criadas a partir da correspondência entre os signos e entre os seres, da natureza, das várias vozes num mesmo texto, dos cheiros, dos sons, das coisas infinitas e da espiritualidade. Não a espiritualidade como religião, mas como metafísica. A ideia é subjetivar o concreto. É um livro que mantém as questões em aberto, como convém ao mundo da ficção, como convém aos narradores não carcereiros que fazem uma singular exposição ao sol, ao mar, ao riso, ao infinito.... Quem tem olhos para ver, veja.

O livro pode ser adquirido no site da editora: <https://www.editorapatua.com.br/produto/234890/o-olho-esquerdo-de-andre-alvez>



* **Lucilene Machado Garcia Arf**

Doutora em Estudos Literários pela Unesp de São José do Rio Preto com estágio na Universidade Complutense de Madrid.

Professora na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

O QUE VEM VINDO POR AÍ:

III COLEÇÃO DE LIVROS DE BOLSA DO MULHERIO DAS LETRAS



A **Coleção Mulherio das Letras** é uma coleção de livros de bolso/bolsa individuais de autoras participantes do grupo Mulherio das Letras, organizada por Karine Bassi e a equipe da editora Venas Abiertas (MG).

Sua primeira edição, finalista no 62º Prêmio Jabuti 2020 na categoria Fomento à Leitura, contou com a participação da poeta sul-mato-grossense Diana Pilatti, com o livro **Palavras Avulsas**. Na segunda edição, mais poetisas do nosso estado participaram: Eva Vilma com o livro **Incandescente** (poemas), e Tânia Souza com o livro **Entre as rendas dos ossos e outros sonhos desabilitados** (poemas).

A terceira edição da coleção, com lançamento previsto para outubro de 2021, busca ampliar o alcance às novas escritoras e a afirmação das mulheres no mercado editorial.

Para saber mais sobre a coleção acesse a página da Editora Venas Abiertas nas redes sociais:



TRILOGIA DA DEGUSTAÇÃO



Fábio Gondim, associado da UBE/MS, lançará, em 28 de junho próximo, seu livro **“Dama de Paus”** e, no dia 13 de agosto, o box **“Trilogia da Degustação”**, composto pelos volumes: **“Versos para Lamber”** (reedição), **“Versos para Mastigar”** e **“Versos para Engolir”**.



CONCURSOS LITERÁRIOS



5º CONCURSO DE HAICAI DE TOLEDO – KENZO TAKEMORI

Com o objetivo de divulgar o haikai, a Academia de Letras de Toledo – ALT, em parceria com a Revista Philos, promove o **5º Concurso de Haikai de Toledo – Kenzo Takemori**

O concurso é aberto ao público, maiores de 18 anos, de qualquer nacionalidade.

As inscrições estão abertas até 15 de junho de 2021, no site da Revista Philos: www.revistaphilos.com



3º CONCURSO LITERÁRIO DA REVISTA PUB - DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES

Promovido pelo Instituto Brasileiro de Advocacia Pública (IBAP) em parceria com a Associação dos Professores de Direito Ambiental do Brasil (APRODAB), o **3º Concurso Literário da Revista PUB - Diálogos Interdisciplinares** tem como objetivo “estimular e valorizar a leitura e a produção literária de contistas no contexto das mudanças climáticas e da proteção da biodiversidade”.

As inscrições são gratuitas e podem ser feitas até o dia 3 de julho de 2021.

Mais informações no site: www.revista-pub.org/post/contos2021



Associação dos Agentes de Fornecedores de Equipamentos
e Insumos para a Indústria Gráfica

3º PRÊMIO LITERÁRIO AFEIGRAF

Com o objetivo de prestigiar a literatura brasileira e descobrir novos talentos, o **3º Prêmio Literário Afeigraf** selecionará cinquenta poemas, sendo dez por região geográfica, selecionados pela comissão julgadora, mais biografia do autor.

O tema livre e as inscrições seguem abertas até 31 de julho de 2021, no site do Grupo Scortecci:

www.scortecci.com.br/formulario.php?id=648

CHAMADAS PARA REVISTAS

REVISTA RUÍDO MANIFESTO



Chamada mensal de colaborações



No 1º dia de cada mês a **Revista Ruído Manifesto** abre a “Chamada Mensal para colaborações”, recebendo textos literários para publicação gratuita.

Marque na sua agenda e não perca a oportunidade. Mais informações em ruidomanifesto.org/colabore



REVISTA CAXANGÁ

caxangá
revista de arte e crítica

Com o objetivo de “divulgar produções críticas e artísticas contemporâneas, no âmbito da palavra e da imagem – da literatura, do pensamento, das artes plásticas e da fotografia”, a **Revista Caxangá** tem publicações semestrais e está com chamada aberta para publicação do Número 2 (outubro) – até 31 de julho.

Cada autor deve enviar seus textos para o e-mail revistacaxanga@gmail.com junto a uma minibiografia.

Mais detalhes na página revistacaxanga.wordpress.com/normas-para-publicacao/

EVENTOS LITERÁRIOS

UBEANOS NA FLIB



Já na sua 6ª edição, a FLIB - Feira Literária de Bonito, uma importante expressão cultural de MS, cujo foco é a literatura, foi realizada, este ano, nos dias 19, 20, 21 e 22 de maio, de forma virtual, motivada pela necessidade de se manter o isolamento social frente à pandemia causada pela Covid-19. Nem por isso perdeu seu brilho. Com o tema: "Literatura: Palavra, mundo e imaginação", justificado pelos seus coordenadores, prof.ª Maria Adélia Menegazzo e Carlos Porto, pelo fato de que tais palavras, quando *unidas, nos permitem desfrutar das analogias, da fantasia e da narrativa, das metáforas, das imagens dos poemas*, a FLIB/2021 contou com a participação de autores e autoras nacionais e regionais em interessantes e motivadoras palestras e debates. Dentre estas, a UBE/MS destaca três de seus associados e os parabeniza pelas suas brilhantes participações: Diana Pilatti, que tratou do impacto do período da pandemia no processo criativo literário; Fábio Gondim, que discorreu sobre o processo de criação e execução, em parceria com Ana Maria Bernardelli, do livro infantil "Era Uma Vez", e Raquel Medina, com o tema: "Aldravia, origem, formato e escritores aldravistas do MS".

POESIA PRA SENTIR



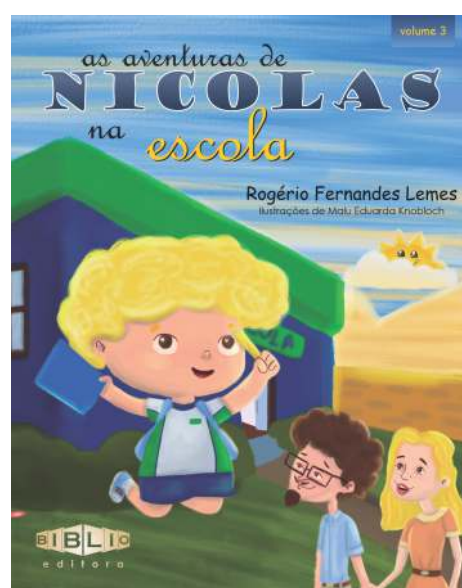
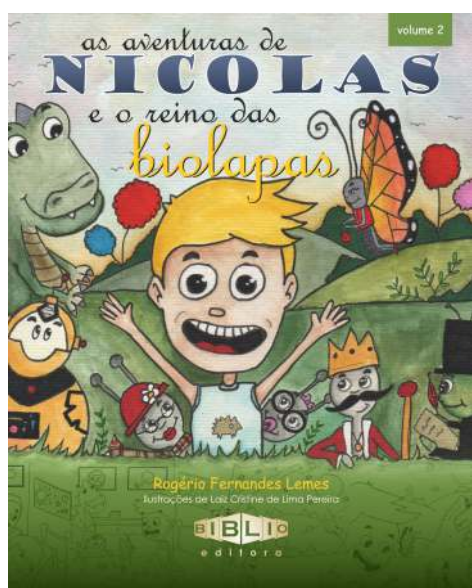
Tudo pode acontecer dependendo da sua imaginação e da poesia no podcast "**Poesia pra Sentir**", no ar toda terça-feira, nas plataformas digitais do jornal O Estado MS e no YouTube. O novo programa, apresentado pelo poeta e jornalista Rafael Belo, estreou no dia 27 de abril e reúne uma série de conversas em forma de entrevistas, acompanhadas de imaginação e sentimentos da maneira mais poética possível. Rafael conta que há muito tempo planeja gravar um podcast, "*quando lancei o evento Convergência das Artes, foi pelo incentivo de amigos. A ideia era unir todas as artes e mostrar o diálogo entre elas, além de destacar os talentos de Campo Grande.*" Primordialmente, o interesse de explorar a poesia iminente com a ideia de gravar um podcast resultou em um programa aberto ao poeta sul-mato-grossense. Nas primeiras gravações, participaram Febraro de Oliveira, Raquel Medina, Diana Pilatti, Henrique Pimenta, Angela Colognesi, Vini Willyan, Victor Barone, Rodrigo Castejon, Lígia Prieto. Há uma lista de mais de trinta poetas cotados para os próximos episódios.



PIUNINHA

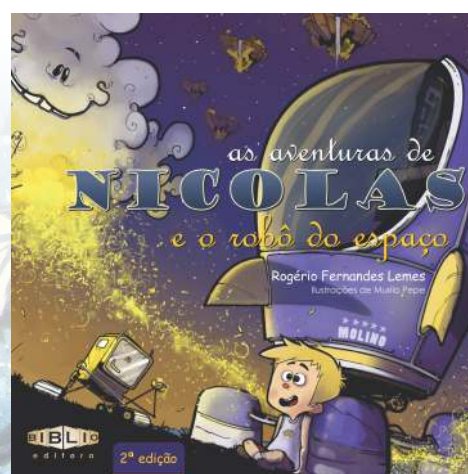
AH, ESSE MENINO NICOLAS!

No mês da literatura infantil, o escritor e editor Rogério Fernandes Lemes lançou mais dois livros infantis: **“As Aventuras de Nicolas e o Reino das Biolapas”** e **“As Aventuras de Nicolas na Escola”**.



O lançamento foi no domingo, 18 de abril, considerado o “Dia Nacional do Livro Infantil”. A data foi instituída pela Lei 10.402, de 8 de janeiro de 2002, que homenageia o nascimento do escritor Monteiro Lobato. Os dois volumes fazem parte da Série “As Aventuras de Nicolas”.

O primeiro volume, **“As Aventuras de Nicolas e o robô do espaço”**, foi lançado em 2017 e já está na segunda edição.



Neste ano, os três livros do autor foram adotados pela Secretaria Estadual de Educação do Mato Grosso do Sul, para compor o material didático. O termo, assinado pela SED e Rogério Fernandes Lemes, tem duração de cinco anos.

O segundo volume, **“As Aventuras de Nicolas e o Reino das Biolapas”**, tem 40 páginas e traz o prefácio da professora Áurea Rita de Ávila Lima Ferreira, da UFGD. As ilustrações são de Laiz Cristine de Lima Pereira.

Já o terceiro volume, **“As Aventuras de Nicolas na Escola”**, chega com 28 páginas e com as ilustrações da gaúcha Malu Eduarda Knobloch. O prefácio é de minha autoria, que assim me expressei:

“Uns tempinhos atrás, Nicolas, um menino, inteligente e curioso, com cerca de seis anos, começou suas deliciosas aventuras, acompanhado por Dona Imaginação, a madrinha das crianças. Lembro-me de que era um dia qualquer, quando algo incrível aconteceu: Lipe, seu robô, começou a falar, imaginem! E, se não bastasse, o robô acionou um foguete lá no seu quintal e saíram ambos numa viagem pelo espaço que, além de divertir muito o Nicolas, também lhe ensinou uma porção de coisas importantes para sua vida e a vida de outras crianças. (E de adultos, também, pois acreditem: tem gente grande que até hoje não sabe que é preciso respeitar as diferenças entre as pessoas; que não se deve jogar o lixo nas ruas... Não sabe sequer o valor que a água tem para a nossa vida!). Tempos depois, encontrei o menino Nicolas no Reino das Biolapas, onde ela gostava de estar e de brincar. Qual a criança que não ama brincadeiras? E se elas vêm acompanhadas de joguinhos, palavras e frases diferentes, melhor ainda!

E, neste livro, o terceiro de uma série do escritor Rogério Fernandes Lemes, vamos ficar conhecendo “As Aventuras do Nicolas na Escola”, todo feito em versinhos... Uma beleza! Por meio dessas trovinhas singelas e de coloridas ilustrações, ficamos sabendo mais umas coisinhas interessantes sobre Nicolas: do que ele mais gosta de comer; de que já aprendeu, com seu pai e sua mãe, a ser educado com todos, a ser amável com os coleguinhos, a ser respeitoso com a professora e, inclusive, a não ter preguiça de ajudá-la quando for necessário. Ah, esse menino Nicolas é mesmo um encanto de criança!

*E para terminar esta prosa,
um segredo vou revelar:
Mais aventuras maravilhosas
do Nicolas irão chegar.”*

(Sylvia Cesco)





LAMBE-LAMBE



**CLUCIA ANDRADE
ELIAS BORGES
EVA VILMA
LEDIR MARQUES PEDROSA
MARIA GORETE DE MOURA**



Elisa Lucinda e Clucia Andrade - 28ª Noite da Poesia/2016



Elias Borges no "Cantinho do Artesanato" com participantes do Projeto "Feira Ipê Amarelo": Capacitação em contação de histórias e oficina literária - 2 a 5/03/2021 - Campo Grande/MS



Camila Oliveira, Elisa Lucinda e Eva Vilma - 28ª Noite da Poesia/2016



Maria Gorete de Moura, Diretora de Música e Teatro - Gestão: Sagramor Farias (1998/1999)



O escritor treslagoense Antônio Papi Neto (ex-presidente da UBE-MS) sendo homenageado pela ubeana Ledir Pedrosa em Noite de Poesia



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

1- É permitida apenas 01 (uma) participação por associado em cada edição, com produção, inédita ou não, de sua autoria, desde que esteja, pelo menos, parcialmente em dia com a anuidade da UBE/MS.

2- O (a) autor (a) deve enviar uma breve biografia com, no máximo, 7 linhas e uma foto com boa resolução junto com seu texto para o e-mail: revistaliterariapiuna@gmail.com

2.1- A foto deve ser enviada em arquivo separado (formato JPG).

3- Os associados poderão enviar até 03 (três) textos para a apreciação do Conselho Editorial, sob forma de poesia, prosa, conto, crônica, ensaio, artigo científico ou outras produções relacionadas à Literatura ou História Regional, porém, apenas 01 (um) texto será publicado, conforme item 1;

3.1- No caso de artigo científico, o mesmo deverá estar relacionado à Literatura, devendo também estar de acordo com as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

4- Não serão aceitas matérias com textos em CAIXA ALTA.

5- Os textos deverão ser enviados na fonte Times New Roman, tamanho 12 e espaçamento simples, sem bordas, em arquivo do Microsoft Word, num máximo de 3 páginas, (**exceção para matérias de capa**), incluindo foto e minibiografia.

6- As produções poderão conter temas livres, exceto quando o Editorial da Revista especificar algum.

7- Não serão permitidos textos considerados ofensivos a pessoas, crenças, gêneros, raça e ideologias políticas.

8- A revisão dos textos é de responsabilidade de seus autores.

9- A Revista Piúna se reserva o direito de recusar a publicar qualquer texto avaliado como inapropriado ou que estiver em desacordo com os itens acima.

Revista Literária Piúna
UBE/MS





"Aprendeu com a natureza o perfume de Deus.
Seu olho no estágio de ser árvore
aprendeu melhor o azul."

Manoel de Barros



União Brasileira de Escritores
Mato Grosso do Sul



"Lembro um menino repetindo
as tardes naquele quintal"

Manoel de Barros

REVISTA
PIÚNA